



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

MILENE NUNES CORRÊA

**PRÁTICAS DOCENTES DE LEITURA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ESCOLA
MULTISSERIE DO ESPAÇO RURAL DE MAGALHAES BARATA - PA**

CASTANHAL-PA

2018

MILENE NUNES CORRÊA

**PRÁTICAS DOCENTES DE LEITURA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ESCOLA
MULTISSERIE DO ESPAÇO RURAL DE MAGALHAES BARATA - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia, da Faculdade de Pedagogia, Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Msc. Cirlene do Socorro Silva da Silva.

**CASTANHAL-PA
2018**

MILENE NUNES CORRÊA

**PRÁTICAS DOCENTES DE LEITURA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA ESCOLA
MULTISSERIE DO ESPAÇO RURAL DE MAGALHAES BARATA - PA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Pedagogia, Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará.

Castanhal, PA, 05 dezembro de 2018.

MILENE NUNES CORRÊA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Pará - UFPA, campus de Castanhal, como requisito para obtenção da Licenciatura Plena em Pedagogia.

Sob a orientação da Prof^a Msc. Cirlene do Socorro Silva da Silva.

DATA DA APROVAÇÃO: ____/____/2018

CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Msc. Cirlene do Socorro Silva da Silva.

Examinador

Prof. Msc. Tânia Suely Nascimento Silva.
Secretaria Estadual de Educação – SEDUC

Examinador

Prof. Drº João Batista Santiago Ramos.
Universidade Federal do Pará - UFPA

Dedico este trabalho, principalmente ao nosso Deus Criador do Universo, que sempre me abençoa, e que nunca me desamparou nos momentos difíceis que tive de enfrentar durante essa jornada acadêmica. E, as pessoas especiais que tanto amo na vida: minha mãe, meu esposo, meus filhos e a todos os amigos que sempre estiveram comigo me apoiando e me dando forças para que nunca desistisse.

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo Célio Vianna que sempre esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis e importantes da minha vida.

A minha mãe, Ruth Carréra Nunes, que sempre pediu a Deus sucesso e bênçãos na minha vida.

Aos meus amados filhos: Jéssyca, Rodrigo, Eduardo e meu neto Pyetro que sempre foram compreensivos comigo e que ao retornar para casa depois de dias longe e de horas de estudos me recebiam com alegria e dedicação, eles são o meu porto seguro diante dos desafios e das dificuldades superadas.

A todos meus familiares e amigos em especial minha tia Maria José, que sempre cuidou da minha família enquanto eu estava estudando.

A professora Msc Cirlene Silva, pela confiança, estímulo e que sempre me orientou quando foi preciso me fornecendo subsídios relevantes para a elaboração desta pesquisa.

A todos meus professores e colegas de classe, em especial as minhas amigas Waldene, Suylma e Terezinha que sempre dividiram comigo todas as alegrias e dificuldades durante o período acadêmico.

Aos atores sociais que fazem a Universidade Federal do Pará e o PARFOR por não medirem esforços em oportunizar a formação docente tão necessária aos professores que atuam no campo.

Aos professores da banca avaliadora Profº Drº João Batista Santiago Ramos e Profª Msc. Tânia Suely Nascimento Silva, pela contribuição e disponibilidade.

Aos sujeitos da pesquisa, pela contribuição a pesquisa realizada.

E meu agradecimento maior a Deus, criador do universo. A ele, seja toda honra e toda glória, para sempre.

A prática docente especificamente humana é profundamente formadora, por isso, ética. Se não se pode esperar de seus agentes que sejam santos ou anjos, pode-se e deve-se deles exigir seriedade e rentidão. A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A natureza mesma de sua prática eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza.

(FREIRE, 2003, p. 65)

RESUMO

O presente texto toma como objeto de estudo as Práticas docentes de leitura na multisserie em uma escola do espaço rural do município de Magalhaes Barata - PA. Tem como objetivo geral: Identificar as práticas de leitura que os docentes utilizam na classe multisseriada. E como objetivos específicos: a) Descrever as práticas que os professores usam para viabilizar a leitura dos alunos; b) Conhecer os diferentes tipos de recursos pedagógicos utilizados pelos docentes para o ensino da leitura na classe multisseriada; c) Averiguar como a família percebe as praticas de leitura dinamizadas pelos educadores no seu fazer pedagógico na multissérie. O estudo foi norteado por uma abordagem qualitativa, sendo utilizado na coleta de dados entrevistas semi-estruturadas, sendo sujeitos da pesquisa dois professores e quatro pais da referida escola. O estudo indicou que a leitura é fator primordial no desenvolvimento da vida escolar das crianças, e que cabe ao educador buscar estratégias que possam lhe dar possibilidades para utilizar recursos pedagógicos eficazes em consonância metodológica do seu trabalho. Os professores buscam conhecimentos para poder utilizar e ter domínios dos instrumentos pedagógicos para desempenhar seu trabalho com mais eficiência. Nesse sentido, é necessário que o Estado fomenta políticas educacionais voltadas a realidade dos alunos do campo, e que assegurem a valorização dos educadores em todos os sentidos.

Palavras-chave: Prática docente de leitura, classes multisseriadas, Políticas educacionais.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: QUADRO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DIANTE AS DIFICULDADES QUE OS PROFISSIONAIS DO CAMPO ENFRENTAM.....	26
---	----

LISTA DE TABELA

TABELA 01: DISTRIBUIÇÃO DAS ESCOLAS E CLASSES MULTISSERIADAS NAS MACRORREGIÕES BRASILEIRAS 2006.....	27
---	----

LISTA DE SIGLAS

CPT	- Comissão Pastoral da Terra
CNBB	- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CEB	- Câmara de Educação Básica (do CNE)
CFRs	- Casas Familiares Rurais.
CNE	- Conselho Nacional de Educação
ENERA	- Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária
GEPERUAZ	- Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo na Amazônia
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	- Ministério da Educação
MST	- Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
PCNS	- Parâmetros Curriculares Nacionais
PEA	- Programa Escola Ativa
PNE	- Plano Nacional de Educação
PNAIC	- Plano Nacional na Idade Certa
SECAD	- Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
UNesco	- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura
UNICEF	- Fundo das Nações Unidas para a Infância
UnB	- Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
2. EDUCAÇÃO, PRÁTICA PEDAGÓGICA E ESPAÇO RURAL.....	16
2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	16
2.2 A EDUCAÇÃO NO ESPAÇO RURAL E A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	18
2.3 A MULTISSÉRIE E SEUS DESAFIOS NO ESPAÇO RURAL.....	24
3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA EM CLASSES MULTISSERIIDAS.....	29
3.1. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ESPAÇO RURAL.....	29
3.2.PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA MULTISSÉRIE.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

APÊNDICES

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

O interesse por estudar as práticas docentes de leitura nas classes multisseriadas surgiu a partir do momento que comecei atuar na docência no município de Magalhães Barata, desde o ano de 2009, quando em rodas de conversas com docentes ouvia relatos em que todos encontravam dificuldades em alfabetizar nas turmas multisseriadas, percebia que a minha inquietação era a mesma que a dos meus colegas, pois trabalhar numa turma heterogênea, sem apoio pedagógico e suportes adequados é muito complexo. Então, houve assim a necessidade de investigar como ocorria essas práticas de leitura e quais as dificuldades que impedia os professores de desempenhar suas atividades com êxito.

Leitura e escrita são práticas sociais importantes para a formação do ser humano, principalmente no mundo de hoje, quando se exige cada vez mais qualificação do ser humano no mundo do trabalho. Conforme Caldin (2003, p.52): “Pela leitura, o ser humano não só absorve o conhecimento, como pode transformá-lo em um processo de aperfeiçoamento contínuo”. Desse modo, a leitura segundo Caldin (2003) proporciona a partir da escrita, instrumentos para adquirir e transformar os saberes, aspecto importante para que todo ser humano possa efetivamente construir sua cidadania de forma mais plena possível.

Esse estudo tem a perspectiva de contribuir e enriquecer minha prática como educadora, construindo assim, um amplo conhecimento diante da minha carreira profissional. Mas, também visa a comunidade escolar o desenvolvimento de forma a possibilitar reflexões entre os docentes para que possam desempenhar um trabalho voltado para melhoria e qualidade do ensino em classe multisseriada.

Sendo assim, se a comunidade escolar desempenhar práticas que favoreçam o aprendizado dos alunos na multissérie a sociedade terá profissionais reconhecidos no seu fazer pedagógico. Esta pesquisa busca fomentar o debate acadêmico no sentido de abrir novos horizontes na educação do campo dando suporte para futuros pesquisadores.

Como objetivo geral o estudo buscou Identificar as práticas de leitura que os docentes utilizam na classe multisseriada. E como objetivos específicos: a) Descrever as práticas que os professores usam para viabilizar a leitura dos alunos; b) Conhecer os diferentes tipos de recursos pedagógicos utilizados pelos docentes para o ensino da leitura na classe multisseriada; c) Averiguar como a família percebe as práticas de leitura dinamizadas pelos educadores no seu fazer pedagógico na multissérie.

O problema da pesquisa tem relação com as dificuldades encontradas pelos docentes em desenvolver práticas pedagógicas para ensinar a leitura nas turmas da multissérie, fez-se necessário, realizar pesquisa para que possibilite no futuro dar suporte, ao trabalho dos docentes, evitando a reprovação dos discentes que estudam nessas turmas.

Nesse contexto, sabe-se que os alunos sofrem impactos negativos no seu desenvolvimento de ensino aprendizagem. Nesse sentido, para ensinar leitura numa classe multisseriada o professor terá que pesquisar práticas adequadas a fim de que possam desenvolver um trabalho direcionado ao desenvolvimento do aprendizado dos educandos. Sendo assim, é necessário saber: quais práticas pedagógicas o docente deverá desenvolver para ensinar leitura para os seus alunos?

Desse modo, foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa: entrevistas com dois professores das turmas multisseriadas e quatro pais dos referidos alunos, de outro lado análises das falas dos entrevistados com o suporte dos teóricos. Nesse sentido, foi a técnica de pesquisa utilizada para fazer as minhas indagações sobre as práticas utilizadas pelos docentes para ensinar a leitura na multissérie e poder chegar num resultado condizente com a minha pesquisa.

Como ressalta Leopardi, (1999), o caminho que devemos seguir para atingir um objetivo é a base mental para o exercício de uma atividade que se deseja alcançar eficácia, e, por isso exige a organização de informações; conhecimentos e experiências prévias ou existentes.

Lakatos e Marconi (2010), em outra definição é um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que permitem alcançar um objetivo com segurança e economia na medida em que traça um caminho a ser seguido, detecta erros e auxilia as decisões de um cientista.

A realização desta pesquisa se deu por meio inicialmente de estudo bibliográfico, onde foram utilizados livros, artigos de autores que possibilitaram a base de sustentação para realização da pesquisa de campo. Sendo que, a pesquisa de campo é um instrumento essencial para estudar e conhecer na prática o que realmente se deseja pesquisar..

Segundo os autores, Cervo, Berman e Da Silva (2007), nas ciências, entende-se por método o conjunto de processos empregados na investigação e na demonstração da verdade. Não se inventa um método; ele depende, fundamentalmente, do objeto de estudo.

Para tanto, foi adotada na pesquisa de campo uma abordagem qualitativa pois, a mesma trabalha com vários significados, motivos, atitudes, valores entre outros. foi utilizado nomes fictícios para os professores e para os pais. Desse modo, pretende-se

identificar as dificuldades que o docente encontra ao trabalhar a prática de leitura nas turmas multisseriadas do 1º e 2º ano. Onde participaram deste estudo 04 (quatro) pais de alunos que tem de 06 (seis) a 07 (sete) anos e 02 (dois) professores das classes multisseriadas, sendo que o Professor Nestor já exerce a docência a 14 (quatorze) anos, tendo como formação o curso do PNAIC e o Magistério. Porém, a professora Carmelita trabalha como docente há 2 (dois) e meio, e tem como formação o curso Superior em Pedagogia. Portanto, a pesquisa empírica foi realizada numa escola do campo situada no município de Magalhães Barata - Pá.

A escola fica situada no município de Magalhães Barata no Nordeste Paraense, pertence a rede Municipal de Educação.

Quanto a estrutura física a escola possui: 3 salas de aula, 01 secretaria, 01 sala para refeição, 01 cozinha, 01 depósito de colocar merenda e 02 banheiros para os alunos (masculino-feminino).

Atualmente a escola funciona nos dois turnos: manhã e tarde. Atende aproximadamente 70 alunos, os quais são distribuídos em dois turnos. Oferece Educação Infantil ao Ensino Fundamental menor. Conta com um corpo docente formado por 4 professores e 01 monitora.

Com relação a pesquisa de campo, Minayo (2008) enfatiza que na pesquisa qualitativa, o importante é a objetivação, pois, durante a investigação científica é preciso reconhecer a complexidade do objeto de estudo, rever criticamente as teorias sobre o tema, estabelecer conceitos e teorias relevantes, usar técnicas de coleta de dados e por fim, analisar todo o material de forma específica e contextualizada.

As técnicas de pesquisa foram acessíveis, confiáveis e transparentes na coleta de dados para fundamentar a aquisição de conhecimentos da pesquisa de campo. No desenvolvimento da pesquisa de campo foram realizadas entrevistas com 02 professores onde chamaremos os docentes por nomes fictícios como: Professora Carmelita e Professor Nestor e as quatro (04) mães, onde denominaremos com nomes fictícios de Dona Rosa, Dona Margarida, Dona Inês, Dona Maria, sendo que os dias das entrevistas foram acordados com os mesmos não houve análise documental da escola pois, a mesma ainda não possui o Projeto Político Pedagógico, ainda está em fase de construção.

Nesse sentido, foi utilizada entrevistas semi-estruturada com os professores e pais, onde foram transcritas e analisados após as coletas de dados, com base nos referenciais teóricos apresentados. Segundo Minayo (2008) os instrumentos de trabalho de campo na

pesquisa qualitativa permitem uma mediação entre o marco teórico-metodológico e a realidade empírica.

Este trabalho está assim organizado em dois capítulos: apresenta inicialmente a introdução os procedimentos metodológicos da referida pesquisa, descrevendo assim passo a passo todo o desenvolvimento do trabalho realizado em campo, caracterização do lócus da pesquisa e o perfil da escola pesquisada. Sendo que, o primeiro capítulo apresenta os teóricos que fundamentaram este trabalho dando ênfase na referida pesquisa, precisamente teóricos que abordam os seguintes temas: Educação, Práticas Pedagógicas e Espaço Rural, Um breve histórico da Educação no Brasil, Educação no espaço rural e a perspectiva da educação do campo, A Multissérie e seus desafios no espaço rural. O segundo capítulo aborda questões, análises e resultados da pesquisa de campo como: Práticas pedagógicas de leitura e escrita em classes multisseriadas, Práticas pedagógicas no espaço rural, Práticas de leitura e escrita na multissérie e por fim as considerações final, no que tange os dados da referida pesquisa e do trabalho como um todo, sendo importante para a comunidade acadêmica.

Contudo, pretende-se refletir a importância da leitura na vida de qualquer cidadão e quais as possibilidades de participação da sociedade em relação as políticas públicas, pois o povo deve ter voz ativa nas decisões em que diz respeito a educação do nosso país, porque todo cidadão tem direito a educação e a viver numa cultura letrada.

2. EDUCAÇÃO, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E ESPAÇO RURAL.

Esse capítulo aborda o conceito de educação numa perspectiva crítica, analisa a categoria práticas pedagógicas como categoria relevante para o estudo das classes multisseriadas, e o contexto onde esta educação é dinamizada: o espaço rural.

2.1. UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A educação escolar no Brasil deu início em 1549, com a chegada dos padres jesuítas, onde fundaram a colônia portuguesa e criaram as primeiras instituições escolares. Sendo que os primeiros a frequentar essas escolas foram os indígenas. Essas instituições obedeciam diretrizes ditadas pelas políticas de D. João III, onde seu real objetivo era a conversão dos índios a lei católica, através da catequese.

Percebe-se que a educação no Brasil, teve forte influência portuguesa, nessa época, foi implantada a política trazida pelo padre Manoel de Nóbrega, o mesmo chefiava os jesuítas. Desse modo,

Quando os jesuítas chegaram, as populações indígenas se encontravam em estágio primitivo e, em decorrência desse fator a educação não chegara a se institucionalizar. A criança participava junto com os adultos das diferentes atividades da tribo, pois dessa forma adquiria saberes para sua formação quando chegasse na fase adulta (RIBEIRO, 2001, p.18).

Segundo a referida autora quando os colonizadores aqui chegaram, se depararam com um povo, que só tinham conhecimentos da sua cultura, mas, a despeito de ser um “povo selvagem”, os jesuítas tinham a obrigação de catequizar e instruir os índios, ao passar dos tempos os jesuítas perceberam que não era possível limitar a instrução somente aos índios. Então, houve a necessidade de instruir também os filhos dos colonos, já que os únicos que tinham a profissão para instrução dos mesmos eram os jesuítas. E, foi determinado que incluíssem no sistema escolar todos que ali habitavam.

Nota-se que a intenção dos jesuítas, era o de educar, pregar a fé católica e ensinar seus valores e costumes aos índios e aos filhos dos colonos. Para tanto, estava incluído no seu projeto educacional a formação Sacerdotal católica, mas, ao perceberem que os indígenas não se adequavam a formação Sacerdotal, começaram a formar cristãos católicos sem vínculo com o governo. (RIBEIRO, 2001).

É propício suscitar que com a chegada de Sebastião José de Carvalho e Melo, conhecido como Marquês de Pombal, os jesuítas foram expulsos, e depois de sua expulsão suas propostas educacionais foram substituídas e destruídas. No entanto, esse fato é considerado marcante na história educacional brasileira, pois as novas propostas não deram certo, e por esse motivo ficaram arraigadas as deficiências na Educação do Brasil. (ALMEIDA,2000).

No entanto, o ministro Pombal com a reforma pombalina, pretendia substituir os tradicionais métodos pedagógicos, pela inovadora metodologia educacional moderna adequado com os ideais iluministas da época. Novas ideias pedagógicas foram reformuladas com o intuito de que as instituições pudessem acompanhar as mudanças que estavam ocorrendo naquele período. (CARVALHO, 1978).

Nesse período, foi necessário a utilização da instrução pública, pois a “ignorância” assolava a sociedade na época. Mas, haviam impedimentos que para os iluministas não conciliavam com os seus ideais. Almeida (2000) e Ribeiro (1998) concordam que o grande empecilho para a concretização desses objetivos foi a falta de homens capacitados para o ensino elementar e primário, ou seja, havia, tanto na metrópole quanto na colônia, uma grande carência de professores aptos ao exercício da função de ensinar.

Como citaram os autores acima, a reforma do ensino pombalino foi desastrosa para o Ensino brasileiro, pois, até hoje o país ainda não conseguiu implantar um projeto educacional consistente para que se possa almejar um ensino de qualidade, ainda é grande a carência de professores sem formação, sendo assim, torna-se necessário que sejam implantadas políticas públicas condizentes com as necessidades educacionais do país. Nesse sentido, percebe-se a reforma educacional mal executada no período pombalino deixou reflexos negativos, a exemplo do que ocorre hoje na educação brasileira.

Como ressalta, a análise de Florestan Fernandes (1996) em “A Educação e sociedade no Brasil” o descaso com a educação escolar vem desde os primórdios. O autor enfatiza, que só era valorizada a educação dos filhos das pessoas que faziam parte das classes dominantes eram consideradas pessoas instruídas e cultas, os filhos das classes desfavorecidas que se fazia da educação escolarizada eram excluídas e seus estudos não tinha nenhum valor para os nobres.

2.2. A EDUCAÇÃO NO ESPAÇO RURAL E A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

O processo de educação no espaço rural com o passar dos tempos, ainda continuam sofrendo ineficiências nas políticas públicas, pois já foram realizadas inúmeras manifestações da sociedade civil para solucionar a problemática que envolve a educação de homens e mulheres do campo. A LDB 9394/96, em seu artigo 28 e incisos I, II, III respalda a educação no espaço rural e rege várias oportunidades as classes multisseriadas, de acordo com a Lei da Educação as escolas devem ter sua educação fundamentada e baseada nos princípios legais, pois, os alunos do campo e da cidade são dignos de uma educação de qualidade.

Ao analisar a relação entre educação e trabalho no espaço rural Vendramini (2007, p.23), afirma que é necessário compreender que a Educação do Campo não emerge no vazio e nem é iniciativa das políticas públicas vindas das boas intenções do Estado: “[...] emerge de um movimento social, da mobilização dos trabalhadores do campo, da luta social. É fruto da organização coletiva dos trabalhadores diante do desemprego, da precarização do trabalho e de ausência de condições materiais de sobrevivências para todos”.

Portanto, segundo a autora só será possível conseguir algo melhor para educação no espaço rural se realmente existir políticas públicas voltadas exclusivamente para as escolas do campo, para garantir de fato o direito à Educação, principalmente a população do campo, pois estes precisam de estratégias e projetos voltados para desenvolvimento e a melhoria social, educacional e rural. Na concepção de Caldart (2004, p. 25-6), “[...] o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; o povo tem direito a uma participação pensada desde o seu lugar e com a sua participação vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais [...]”.

Para Borges (2006), a Educação é compreendida por sua função social, desenvolvida na formação do ser humano para atender à sociedade, não esquecendo que existem modelos estabelecidos pela estrutura econômica, com direção a ser alcançada pelo sistema. A autora se refere à educação como único instrumento que a sociedade pode utilizar para transformar a postura política e social de cada indivíduo. No entanto, para Demo (2008, p. 41), somente o homem produz política.

Para Freire (2005, p. 14), [...] ninguém mais pode ignorar que a Educação é sempre um ato político. Aqueles que tentam argumentar em contrário afirmando que o educador não pode “fazer política”, estão defendendo certa política, a política da despolitização [...]. O autor corrobora, que a consciência do saber político do homem é manipulado através da

alienação feita pelas classes dominantes que imperam num país capitalista e que o poder das sociedades de classes dominam as camadas menos privilegiadas, no entanto, é de suma relevância que o educador ‘faça política’ para que mude a história da sociedade.

Portanto, a escola é um lugar onde se espera que haja divergências em relação as políticas públicas e o modelo capitalista, pois o mesmo é seletivo e excludente, e que essa divergência produza no homem conhecimentos relevantes para a sociedade, pois, [...] A Educação é, então, um fenômeno social; faz parte da produção social, pois participa das “totalidades das relações de produção” no contexto em que atua. (LOPES, 2004. p. 17).

Os reflexos da falta de políticas públicas na Educação do Campo, fica evidente quando o Relatório da UNICEF (2009, p. 22), afirma que enquanto a população urbana possui em média 8,5 anos de estudo, a população rural tem apenas 4,5 anos, quase a metade da urbana. Aponta ainda que,

As crianças e os adolescentes das zonas rurais do Brasil – que incluem os que vivem em comunidades indígenas e quilombolas – são as vítimas das desigualdades verificadas na educação brasileira. A maior taxa de analfabetismo está no campo, assim como o maior grupo de pessoas fora da escola. Faltam escolas para atender todas as crianças e adolescentes, e muitas das que existem não oferecem infraestrutura adequada nem professores com a formação necessária para exercer suas funções (UNICEF, 2009, P. 23).

Desse modo, ao ser inserido um projeto sócio político educativo amplo e consistente a educação terá um alicerce para o progresso educacional brasileiro. Mançano (2004, p. 142), afirma “que não basta ter escolas no campo, queremos ajudar a construir escolas do campo, ou seja, escolas com projeto político-pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, a história e à cultura do povo trabalhador do campo”.

A educação no campo se estruturou a partir dos anos de 1990, com as ações dos diversos segmentos sociais suas ideias ganharam forças com as mudanças dos ideais dos políticos e foi grande a mobilização dos Movimentos Sociais, Sindicais e Pastorais que passaram a denunciar os problemas que não eram poucos, reivindicando assim, os direitos à moradia, saúde, educação e acesso à terra para que pudessem suprir as carências em que vivem o povo do campo.

Segundo Caldart (2004), o termo “campo” aplicado à Educação nasce das discussões do I Encontro Nacional de Educadores e educadoras da Reforma Agrária (I Enera), realizado em 1997, promovido por instituições como MST, UNB, Unesco, Unicef, CNBB, entre outras. Desse modo, surge a implantação de escolas públicas na zona campesina fruto de uma luta em prol do direito a educação de todos os que vivem e convivem na zona do campo.

Conforme ressalta a autora, “[...] o movimento inicial da Educação do Campo foi o de uma articulação política de organizações e entidades para denunciar a luta por políticas públicas de Educação no e do campo, e para a mobilização popular em torno de outro projeto de desenvolvimento”. (MOLINA, 2004, p. 19).

Fernandes (2004, p. 90), relata que naquele momento, iniciava-se a concretização das ideias que surgiram na segunda metade da década de 1980, com a criação do Setor de Educação na estrutura organizacional do Movimento do Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Que em sua proposta pedagógica vinculou a princípios organizativos que fundamentam a existência objetiva e subjetiva do movimento, e o projeto de sociedade para o movimento está vinculado a um projeto superior ou, no dizer de Paulo Freire, de humanização.

Salienta ainda Caldart (2000) quando diz, que este ser se constrói e reconstrói na prática coletiva, na pedagogia do dia a dia. A autora ressalta que foi graças as lutas dos movimentos sociais no dia a dia que a educação do campo vem se transformando, e foi devido essas transformações que surgiram as pedagogias que hoje fazem parte de um repertório de clássicos brasileiros que são: pedagogia da luta social, pedagogia da organização coletiva, pedagogia da terra, pedagogia da cultura e pedagogia da história. Nesse sentido, Caldart (2004, p. 12) enfatiza que

[...] a Educação do Campo não cabe em uma escola, mas, a luta pela escola tem sido um de seus traços principais: porque a negação do direito à escola é um exemplo emblemático do tipo de projeto de educação que se tenta impor aos sujeitos do campo: porque o tipo de escola que está ou nem está mais no campo tem sido um dos componentes do processo de dominação e de degradação das condições de vida dos camponeses.

Para a autora é inegável dizer que o capitalismo é o maior responsável pela dominação que vem ocorrendo na essência no agricultor, e com o avanço tecnológico nas lavouras o trabalhador rural vem perdendo o seu espaço nas grandes lavouras, aumentando assim, o êxodo rural e levando a degradação na vida dos trabalhadores rurais. Salienta ainda Molina (2004, p. 29), quando diz que,

[...] um dos objetivos políticos da Educação do Campo é ajudar na mobilização e organização dos camponeses em movimentos sociais que fortaleçam e identifiquem sua presença coletiva na sociedade e que seja seu espaço principal de educação para a participação e para as lutas sociais.

Para Fernandes (2004) a realidade do campo decorre da intensa concentração fundiária, é o latifúndio que também passou a ser chamado de empresa rural; é a terra

devoluta e grilagem. É notório afirmar, que os dados apresentados pela Revista da Comissão Pastoral da Terra CPT (2000), onde foi publicado que em 27 Estados ainda há conflitos envolvendo 88.829 famílias. Nessa estatística os sujeitos do campo: seringueiros, indígenas pescadores, quilombolas, camponeses, assentados e reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, sem-terra, agregados, caboclos, meeiros, boias-frias, pequenos agricultores (MOLINA, 2004). Nesse contexto social, todos estão lutando por políticas públicas e por seus direitos pela posse da terra. Portanto, é necessário e legítimo a luta dos movimentos sociais por todos os povos que vivem no campo. Conforme Caldart (2007, p. 71),

[...] a Educação do campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma luta política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos sem-terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária com lutas e resistências de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades seus territórios, sua identidade.

Para Molina (2004, p. 17) a proposta é pensar a Educação do Campo como processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores do campo, gestado desde o ponto de vista dos camponeses e de trajetórias de luta de suas organizações. A autora afirma que é necessário que se pense num projeto educacional de acordo com as necessidades e a realidade do povo campestre. Ou, como afirma Freire (1993), a educação popular é um esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares. É uma prática política mesclada à tarefa de educar.

Ramos, Moreira e Santos (2004) entendem que, pela educação popular, pode se intensificar ou aprimorar a democratização de procedimentos institucionais que pautam ações de cidadania, visando melhoria de condições na vida pública cotidiana. As possibilidades emancipatórias podem surgir das interações pedagógicas, para além do conhecimento transmitido.

A respeito da educação no meio rural no norte do país merecem por parte do poder público uma atenção específica, pois o mesmo não está dando a devida atenção a Educação no Espaço Rural, principalmente em se tratando do currículo das classes multisseriadas que é muito presente no cenário educacional brasileiro.

Dessa maneira,

As escolas multisseriadas têm assumido um currículo deslocado das culturas da população do campo, situação que precisa ser superada caso se pretenda enfrentar o fracasso escolar e afirmar as identidades culturais das populações do campo (HAGE, 2005, p. 56).

O autor ressalta que é necessário que o currículo seja condizente com a realidade do alunado do campo, pois está totalmente deslocado da realidade da população do campo, e para que se possa afirmar a cultura e a identidade do povo do campo é necessário a efetivação de políticas sociais relevantes para que a história do povo camponês não seja esquecida.

De acordo com estudo do Unicef (2009) [...] faltam escolas para atender todas as crianças e adolescentes e muitas não oferecem infraestrutura adequada nem professores com formação necessária para exercer suas funções (UNICEF, 2009, p.23). Percebemos então, que há uma disparidade muito grande na educação do campo e a educação urbana. Sendo assim, é necessário que haja implantação de políticas públicas urgentes e consistentes no meio educacional dessas regiões onde as mesmas são desassistidas pelo poder público. Principalmente as escolas multisseriadas que são carentes, pois, são vistas muitas vezes pelos docentes como sofrimento, insatisfação, problema e atraso na aprendizagem dos educandos entre outros.

Como ressalta, Andrade e Di Pierro (2004, p. 19), a típica escola rural brasileira é precária, improvisada, de difícil acesso. Os educadores são mal remunerados, pouco qualificados e com a prática pedagógica desarticulada do contexto e da cultura do campo. Como frisa Caldart (2004, p. 29), a Educação do Campo só se tornará uma realidade efetiva, como ideário, projeto educativo e política pública de Educação, se permanecer vinculada aos movimentos sociais. Pode-se perceber na fala da autora a importância dos movimentos sociais vinculada a Educação do Campo, para que realmente os projetos educativos seja de fato efetivados nas escolas do campo.

Assim, um dos objetivos políticos da Educação do Campo é ajudar na mobilização e organização dos camponeses em movimentos sociais que fortaleçam e identifiquem sua presença coletiva na sociedade e que sejam seu espaço principal de educação para a participação e para as lutas sociais necessárias (CALDART, 2004, p. 29).

Em 2008, surge o PEA um programa disponibilizado para os municípios brasileiros com a perspectiva de melhorar a educação do campo com classes com multisseriação, trazendo recursos pedagógicos e formação para os profissionais que atuam nessas classes.

Segundo Caldart (2010, [s.p]), nos mostra que o PEA é classificado como principal característica das políticas públicas para o meio rural. Por isso é necessário,

[...] uma educação dos e não para os sujeitos do campo. Feita assim através de políticas, mas construídas com os próprios sujeitos dos direitos que se

exigem. A afirmação deste traço que vem desenhando nossa identidade é especialmente importante se levarmos em conta que na história do Brasil, toda vez que houve alguma sinalização de política educacional ou de projeto pedagógico específico isto foi feito para o meio rural e muito poucas vezes com sujeitos do campo.

Segundo a autora, é importante que os projetos pedagógicos específicos para o campo sejam elaborados com os sujeitos e para os mesmos, pois são eles que residem no espaço rural, e conhecem a realidade dos que vivem e convivem no campo.

Desse modo, a união do povo campestre com os segmentos sociais serão essências para lutar por justiça e igualdade social, reivindicando ações dos governantes em relação ao processo educacional brasileiro, pois, o povo da zona campestre tem em seu anseio ter educação de qualidade, viver dignamente e ser inserido no seio da sociedade é um direito que o povo do campo tanto almeja.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que a escola do campo tem um compromisso com toda a sociedade civil e um papel fundamental na efetivação das políticas públicas, pois uma educação de qualidade no campo só será possível se de fato o educador se comprometer em traduzir todos os compromissos referentes a educação do povo em políticas públicas.

Um fator que vem gradativamente fortalecendo a educação no campo é a construção de práticas pedagógicas que respeitam esse espaço e o ser humano que nele vive, nesse sentido a alternância pedagógica tem se destacado. Tem por base fundamentos materialistas e históricos que constituem-se como práxis, uma vez que se ordena para além de seguir um método (LOMBARDI; SANFELICE, 2005). Nesse sentido, a prática pedagógica da alternância tem início na vida cultural e material do docente, onde orienta o professor a seguir um caminho específico da pedagogia progressista, e que o conhecimento repassado seja coerente e inerente produzindo um processo de transformação nas necessidades sociais.

Nessa perspectiva Aranha (idem) pontua:

[...] como práxis qualquer ação humana é sempre carregada de teoria (explicações, justificativas, intenções, previsões, etc.). Também toda teoria, como expressão intelectual de ações humanas já realizadas, ou por realizar, resulta da prática. Convém ainda entender a práxis dentro de um contexto social, pois as ações se realizam entre homens. (ARANHA, 1996, p. 22)

De acordo com a citação acima, de um modo geral o educador deve entender a práxis que está inserida no contexto social, pois, as ações dos homens são realizadas com a interação dos mesmos com o meio em que vivem. Freire (1987) com a ideia de ação-reflexão-

ação, nutrientes da práxis. Este movimento de pensar a prática e a ela retornar constitui um que fazer voltado para a transformação da “verdade em que se acham os oprimidos”.

A Pedagogia da Alternância surgiu para dar oportunidades ao povo camponês que vivem isoladamente sem direito a estudar. No entanto, surgiu no Pará em 1995, sendo o Estado pioneiro a utilizar esse método dessa pedagogia da alternância. Mesmo já existindo há mais de quarenta anos, pouco se tem falado e estudado a respeito desse tipo de pedagogia, a despeito de ser tão importante para priorizar e valorizar a cultura, a experiência e o meio que vive o educando.

Nesse sentido, a educação no campo é inter-relacional com rios, matas, cidades e histórias dos que vivem na zona rural, existe uma ligação muito grande entre as dimensões teóricas e práticas, uma vez que, “[...] por meio da alternância, a sabedoria prática e teórica se juntam. A alternância ajuda a aprofundar as coisas que acontecem no dia a dia da família, comunidade, país e mundo”. (ZAMBERLAM, 1995, P. 11).

2.3. A MULTISSÉRIE E SEUS DESAFIOS NO ESPAÇO RURAL

A multissérie, também denominadas de turmas unidocentes, é um fenômeno que ao longo dos tempos vem sendo vista pelos professores do campo como um desafio de se trabalhar. São considerados por muitos como um atraso e uma negatividade nas representações sociais, pois, é onde se concentram a educação do alunado da zona campesina, os mesmos enfrentam inúmeras dificuldades, ao trabalhar no multisseriamento devido as salas de aulas serem heterogêneas, ou seja, lotadas e com alunos de idades e aprendizados diferentes.

Segundo o artigo de Silva, Camargo e Paim (2008), geralmente as classes multisseriadas são vistas como verdadeiras “pragas que precisam ser exterminadas”. As classes unidocentes são comuns nos espaços rurais brasileiros, uma realidade principalmente nas regiões Norte e Nordeste, como já citado anteriormente que a despeito das muitas tentativas feitas pelos governos para acabar com a multisseriação nunca tiveram êxito sempre foram inúteis.

No Brasil, as classes unidocentes tem uma história. Segundo as ponderações de Dilza Atta (2003), elas surgem após a expulsão dos jesuítas, vinculadas ao Estado, ou sem esse vínculo, mas convivendo, no tempo, com os professores ambulantes que, de fazenda em fazenda, ensinavam as primeiras letras.

Como ressalta a autora, nas pequenas vilas, nos lugarejos poucos habitados, reuniam-se crianças em torno de alguém que podia ser professor, elas aprendiam a ler, escrever e contar. Sendo assim, mais tarde as classes multisseriadas foram criadas oficialmente pelo governo imperial, pela Lei Geral do Ensino de 1827, que em seu artigo primeiro, determinava: “em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessárias” (ATTA, 2003; NEVES, 2000). Calazans e Silva (1983, p.3), ressaltam que o ensino formal em escolas do campo ocorreu no final do “segundo Império e se implantou amplamente na primeira metade deste século, o seu desenvolvimento, através da história, reflete de certo modo as necessidades que foram surgindo em decorrência da própria evolução das estruturas sócio-agrárias do país”. Foi nesse cenário que a educação no Brasil se consolidou baseada no modelo unidocente ou de classes multisseriadas.

Sem quaisquer orientações político-pedagógicas e curriculares para esse modelo organizativo. Queiroz (1998, P. 6), assim frisa essa problemática:

[..] considerando-se a educação em nível primário, foi durante a República e diante das exigências do modelo urbano-comercial que aumentou a demanda por esse nível de ensino. No século XX, por volta de 1907, o Estado construiu os primeiros grupos Escolares ou Escolas-modelos para funcionar a escola primária de quatro séries (ensino fundamental atual). Ainda que na literatura referente a esse período não se distinga o tipo de prédio escolar do meio urbano ou meio rural, mantiveram-se aqueles com uma única sala de aula e um professor para atender a uma ou mais séries no mesmo horário (classes multisseriadas).

Segundo Queiroz (1998) percebe-se que esse panorama da educação escolar brasileira deixou marcas profundas no contexto educacional brasileiro, apesar de já se ter passado décadas o cenário da educação no Brasil não é diferente dos anos anteriores, pois há precariedade no funcionamento das escolas multisseriadas como: na infraestrutura, os salários são defasados, a falta de condição de trabalho, professores sem formação adequada ao exercício docente no Campo, falta de organização curricular adequado as necessidades do alunado da zona campesina.

Desse modo, sabemos que os problemas relacionados a Educação não estão prioritariamente relacionados apenas no meio rural, mas não deixa de ser menos grave, pois a mesma sempre foi considerada pelo poder público como resíduo, políticas compensatórias, sem valorizar a cultura e o modo de viver e conviver o povo do campo, que ao longo de sua história sempre foram excluídos pelos governantes no processo educativo.

Conforme demonstram as pesquisas as escolas multisseriadas ainda somam um número muito grande dessa modalidade de ensino. Como ressaltam os autores Silva, Camargo e Pain (2008, p. 7), em que pese às políticas públicas virem incentivando o processo de nucleação escolar e desvalorizando a modalidade de escolas multisseriadas. No entanto, percebe-se nas falas dos autores que há uma preocupação em relação as políticas públicas em incentivar a nucleação dessas turmas, pois, elas somam segundo o Censo Escolar 2006, cerca de 71.991 estabelecimentos que abrigam 104.919 turmas.

A tabela 1, extraída do trabalho de Silva (2007, p. 26), demonstra que esses dados são desdobrados por região e nos permiti visualizar melhor essas escolas e classes:

Tabela1

**Distribuição das escolas e classes multisseriadas nas
Macrorregiões brasileiras-2006**

Regiões do Brasil	Escolas multisseriadas	Classes multisseriadas
Sul	4.278	5.988
Sudeste	9.267	15.734
Centro-Oeste	1.788	4.115
Nordeste	41.444	59.654
Norte	15.214	20.919
Total	71.991	104.990

Fonte: Silva (2007, p. 26). Tabela elaborada a partir de dados extraídos do Censo Escolar.2006, MEC/INEP.

Analisando o quadro anterior, pode-se constatar que as regiões Norte e Nordeste são os que concentram o maior número de escolas e classes multisseriadas. Como apontavam o Censo Escolar 2003 nos estados da Bahia concentravam 21,451 classes multisseriadas e no Pará com 11.231 turmas unidocentes (HAGE, 2005, p.44). É relevante citar que os estados da Bahia e Pará, são os que reúnem maior quantidades de escolas com classes de multisseriamanto. Como aponta o Censo Escolar de 2003. Com relação a essa situação Hage ressalta que,

No caso do Pará, nos deparamos com o segundo maior número de escolas multisseriadas do país. 8.675 escolas, perdendo somente para a Bahia, que tem 14.705 escolas. O mesmo se repete em relação às multisseriadas, que totalizam 11.231 (HAGE, 2005, p. 161).

Desse modo, torna-se necessário que se concretizem de fato o que rege a Resolução CNE/CEB, onde fixa as diretrizes operacionais para a educação do básica nas Escolas do Campo, parte dos seguintes pressupostos: a) O atendimento escolar no ambiente rural é uma questão de direito e de cidadania, por isso, implica respeito às diferenças e tem sustentação na política da igualdade do Estado brasileiro; b) A qualidade da educação básica no campo deve ser tratada na moldura da inclusão social e sob a observância da Lei 13.005/2014 (PNE) art. 2º, Inc. III e X (diretrizes); c) Um currículo, neste caso, voltado para a diversidade dos conteúdos e das metodologias não significa uma concessão ao esforço do país para a interiorização do ensino, mas sobretudo deixar de considerar a educação urbana como parâmetro e a educação rural como mera adequação.

Ao contrário, a centralidade da questão está em “[...] considerar o campo como espaço heterogêneo, destacando a diversidade econômica, em função do engajamento das famílias em atividades agrícolas e não agrícolas (pluriatividade), a presença de fecundos movimentos sociais e multiculturalidade, as demandas por educação básica e a dinâmica que se estabelece no campo a partir da convivência com os meios de comunicação e a cultura letrada” (CNE/CEB/Parecer 36/01). Diante dessa afirmativa é importante citar um quadro com informações referentes as carências e necessidades da educação do campo. Será se realmente essas Leis realmente são efetivadas? Veremos no quadro a seguir o quadro da educação do campo diante as dificuldades que os profissionais do campo enfrentam:

- Escolaridade média da população rural de 15 anos ou mais:	4 anos
- Analfabetismo no campo :	23,5%
- Crianças da zona rural que frequentam a creche:	7,2%
- Alunos da zona rural que frequentam o ensino médio:	33,3%
- Distorção idade/série na zona rural:	75%
- Escolas na zona rural sem biblioteca:	90%
- Escolas da zona rural com laboratório de informática:	8%
- Professores de escolas da zona rural sem formação superior:	61%
- Escolas no campo multisseriadas:	70%

Fonte: SECADI-MEC- IPEA-Observatório da Educação (2011)

Percebe-se que as Escolas do Campo no Brasil são desassistidas e pode-se comprovar com os dados cedidos pela SECADI-MEC (2011), que ainda falta muito a ser feito pelos governantes em relação a educação do povo do campo. Dessa forma, fica evidente que há necessidade, em rever as leis que regem o nosso país, e que sejam efetivadas e condizentes com a realidade dos alunos da zona rural. É nessa perspectiva de mudanças que o povo do campo vai vivendo a cada dia que se passa.

3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LEITURA E ESCRITA EM CLASSES MULTISSERIADAS.

Neste capítulo é analisado as práticas pedagógicas no ensino da leitura e escrita remete considerar que é um enorme desafio que os docentes passam no que se refere em desenvolver suas práticas em classes multisseriadas.

3.1. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ESPAÇO RURAL

Muitos educadores tentam superar os desafios que os acompanham em suas turmas. Diante disso, sabemos que no trabalho docente requer profissionais comprometidos com a aprendizagem dos seus alunos, pois os mesmos, devem buscar novas formas de conhecimentos para contribuir com sua prática pedagógica. Portanto, são vários os desafios enfrentados pelos educadores que tabalham nesses ambientes com essas classes. Nesse mesmo sentido, Silva, Camargo e Paim (2008, p. 7), indicam que, nas classes multisseriadas,

Apesar das condições precárias, do escasso material, da formação que poderíamos considerar insuficientes de seus professores, em muitas delas acontece um trabalho de qualidade, com aprendizagem significativa por parte dos alunos. Um conjunto de fatores, tais como, o compromisso com a comunidade, uma cultura compartilhada e a consciência política de alguns professores (aliada a busca de formação), parece desempenhar um papel importante nessas escolas, como pudemos constatar em nossa pesquisa de campo (SILVA; CAMARGO; PAIM, 2008, p. 7).

Diante do exposto, percebe-se que é necessário que as políticas públicas se solidifiquem e criem formas, para que o ensino do campo e os educadores sejam valorizados de fato como merecem, pois mesmo ser ter formação ou especialização os docentes desenpenham suas atividades pedagógicas com eficiência.

A prática pedagógica é um importante instrumento do trabalho do professor, onde estão engajados os conhecimentos teóricos do início da sua formação com os conhecimentos práticos adquiridos durante a sua atuação como educador. Freire (1996, p.103), afirma que assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar bem os conteúdos da minha disciplina, não posso por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos.

Nessa perspectiva, Freire considera que o professor deve se prender a conteúdos que realmente sejam importantes para o desenvolvimento do seu trabalho na aprendizagem dos

alunos, envolvendo assim, uma nova prática pedagógica condizente com a especificidade dos sujeitos do campo. Essa assertiva é reforçada na fala da professora Carmelita quando diz que:

[...] a realidade da nossa formação educacional do nosso município é do campo, onde o nosso aluno a maioria a parte maior é o campo mesmo ele formado, pelos polos que são dezessete escolas do campo e o mínimo na sede, então a educação a formação pedagógica deveria ser voltada mais para a nossa realidade que é o campo e não para a cidade como eu vejo que é mais voltado para cidade. (Professora Carmelita, 2018).

Sobre tal situação Reis nos aponta que:

É necessário repensarmos a educação do campo nos múltiplos contextos na que ela se apresenta na sociedade vigente. Se muito está se fazendo em termos políticas públicas para a Educação do Campo, faz-se necessário buscar alternativas que contemple as condições de trabalho do docente. Estas condições dizem respeito, a uma política de valorização do magistério que contemple salários e formação inicial e continuada, estruturas físicas adequadas ao trabalho, como escolas que possuam os espaços necessários ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que possa ser bem sucedidas.

A inquietação da autora em relação as políticas públicas não está isolada, pois é a preocupação de todos os profissionais da educação que trabalham no campo, sendo assim, os mesmos anseiam por políticas públicas condizentes com a realidade do alunado do campo, para que venham lhes dar suporte ao seu fazer pedagógico.

Eu acredito que eu estou perdida ainda na multisserie tanto como os outros professores que já tem anos de multisserie, onde ele não tem nenhum suporte realmente pra desenvolver com os alunos em sala, onde temos mesmo que pesquisar e ver o que a gente pode absorver e desenvolver pra eles de forma que facilite o aprendizado deles. Até hoje eu ainda não vi nenhuma formação envolvendo a multisserie, não sei se tem, mas se tem ainda não chegou até aqui no nosso município, [...] eu gostaria de que eles colocassem logo para os professores porque a multisserie é muito complicado mais complicado ainda quando a gente trabalha com alunos especiais sendo que a gente não tem nenhum apoio formado em educação especial especializado não temos nenhum profissional formado na área formado em educação especial. (Professora Carmelita, 2018).

No relato da professora percebe-se um desabafo quando questionada sobre como funciona a política educacional no município, ela relata que é precária, pois durante a mesma trabalhar como docente nunca viu uma política voltada para a multisserie e que nunca teve uma formação específica para os professores que trabalham nessas escolas por isso ela se ver perdida muitas vezes sem saber o que fazer, e os livros segundo ela são totalmente deslocados

da realidade dos alunos do campo, sobre o apoio pedagógico relata que não lhes dão suporte algum.

Segundo Freire (1996, p. 103) e Reis (2010, p. 13), o professor exerce por anos o ofício de educador sem ter ao menos uma formação que venha lhe dar suporte para trabalhar com classes unidocentes e com as peculiaridades dos lugares que atuam. Para muitos professores entrar numa faculdade ainda é um sonho. Faz-se necessário ver como está sendo elaboradas as políticas públicas em relação as alternativas que buscam melhorias para o professor do campo, sendo assim o mesmo necessita de formação continuada para que o seu conhecimento seja ampliado ao já existente, assim o professor desenvolverá uma educação mais abrangente e significativa ao utilizar as práticas pedagógicas como um fator determinante e transformador da realidade histórica e cultural nas práticas sociais dos alunos das escolas campo.

Ao ser indagados como é desenvolvido no município a política educacional, formação docente e o apoio pedagógico, os educadores foram enfáticos em responder que:

Não sei nem como formular essa resposta, porquê a realidade do campo da multisserie é totalmente diferente digamos da cidade, porque a gente trabalha com alunos onde o acesso a tecnologia ainda é muito limitada, daí pra gente conciliar o que vem como material pedagógico como os livros, vem totalmente de acordo com a realidade diferente do nosso aluno do campo, como por exemplo como é que eu vou falar da cultura da maçã sendo que a realidade nossa é a manga, o açaí, o tucumã, o taperebá, então é bastante complicado onde a gente tem que reformular o que nos é repassado de forma onde ele vá ter um entendimento melhor um aprendizado desenvolvido em cima da realidade deles sem perder a cultura deles. (Professora Carmelita, 2018).

Observa-se na fala da professora, que há uma preocupação muito grande em relação aos livros didáticos que chegam nas escolas, pois, os conteúdos não estão condizentes com a realidade dos alunos. Percebemos também que há no relato da educadora uma preocupação para que não se perca a essência, história e a cultura dos seus discentes e que mesmo sem ter livros adequados a realidade deles, ela improvisa a aula conforme a suas necessidades. Quando questionada em relação a política educacional voltada para o município, ela ressalta que,

A política educacional desenvolvida com relação a multisserie em nosso município é muito precária quando eu comecei a trabalhar como apoio eu nunca vi uma política pedagógica educacional voltada para a multessérie, mas, quando passei a ser professora titular da turma tive apenas um encontro do PNAIC, não foi uma formação e sim uma reunião com os coordenadores

do PNAIC, e preciso que haja cursos de formação de acordo com a nossa realidade onde o professor ele se ver perdido, onde tem o mínimo, onde eles dão alguns livros com o modelo de outros estados sendo que é totalmente diferente o nosso estado com relação aos demais, onde a gente não tem o incentivo da coordenação pedagógica não nos dão suporte onde eles tiram um dia dois dias para falar mais sobre alguns assuntos que não tem quase que nada a ver com a multissérie. (Professora Carmelita, 20).

Umas das políticas educacionais voltadas para o município é o PNAIC, pois ele procura trabalhar dessa forma diferenciada geralmente focada mais a leitura. Com relação a formação, ultimamente houve no município a formação só do PNAIC. Hoje a gente tem o apoio pedagógico da Secretaria de Educação, eles fazem visitas eles estão fiscalizando as escolas, aqui na escola ainda falta eles fazerem visitas mais em relação ao apoio, hoje eles estão tentando dar esse suporte para as escolas. (Professor Nestor, 2018).

Nas falas os professores ressaltam que uma das políticas educacionais voltada para o município é o PNAIC, e que a formação que eles tiveram ultimamente foi somente a do PNAIC, onde lhes dão suporte na leitura e na escrita dos alunos e que tem as vezes o apoio pedagógico da Secretaria de Educação. Em relação às classes multisseriadas:

As as situações que vivenciam os sujeitos do campo para garantir o acesso e a qualidade da educação nas escolas multisseriadas, em grande medida estão diretamente relacionadas à política educacional e curricular das escolas do campo em seus municípios e regiões, situação que envolve fortes repercussões sobre o sucesso e o fracasso escolar desse sujeitos do campo, expresso nas taxas elevadas de distorção idade-série, de reprovação e de dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, comprometendo a qualidade do processo educacional ofertado por essas escolas (HAGE; BARROS 2005, p. 152).

Todos esses problemas frisados pelos autores Barros e Hage (2005) nas turmas multisseriadas são realidades que estão presentes ainda hoje e não sei por quanto tempo ficará arraigado no cenário educacional brasileiro, por se tratar de alunos com idades e séries diferentes onde estudam num mesmo espaço isso torna-se uma realidade bastante complexa para os educadores, ocasionando assim, um déficit na educação que é ofertada pelas escolas do campo. No entanto, como ressalta os autores, essa situação que os sujeitos do campo vivenciam deve-se a política educacional e curricular, que repercuti na distorção da idade-série, reprovação e comprometimento na aprendizagem dos alunos na leitura e escrita.

Desse modo, os autores ressaltam que é necessário que os governos busquem soluções que amenizem as situações complexas que vivem os educadores do campo, para que os mesmos consigam desenvolver práticas relevantes para o trabalho do professor e o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

Assim, quando perguntados o que os professores compreendiam por prática pedagógica, responderam que:

A prática pedagógica pra mim são métodos que a pedagogia nos oferece onde o aluno sente-se com mais facilidade de aprender, porque através das práticas pedagógicas a gente consegue colocar os conteúdos de forma que fica mais pratica e faz com que os alunos entendam. (Professora Carmelita, 2018).

São medidas para melhorar o aprendizado dos alunos. (Professor Nestor, 2018).

Em relação a pergunta acima os professores foram enfáticos em responder que a prática pedagógica na concepção deles seriam métodos relevantes utilizados pelos docentes para facilitar o aprendizado dos alunos. Pois, os mesmos utilizam a prática pedagógica como um instrumento para facilitar o seu fazer pedagógico.

Essa assertiva é reforçada por Caldart (2003, p. 56) quando diz que:

Educar é socializar conhecimentos e também ferramenta de como se produz conhecimentos que afetam a vida das pessoas, em suas diversas dimensões, de identidade e de universalidade. Conhecer para resolver significa entender o conhecimento como compreensão da realidade para transformá-la; compreensão da condição humana para torna-la mais plena.

Diante do exposto, nota-se que o educador da zona rural tem sempre trabalhado num espaço complexo, pois trabalhar num local heterogêneo onde prevalece a multireferencialidade, e com sujeitos com especificidades singulares é um desafio muito grande onde o professor sempre deve estar se questionando e refletindo sobre suas práticas educativas. Principalmente quando se trata da prática educativa na classe multiseriada. Quando questionados sobre a atuação na multisserie e como a definia, os professores responderam que:

Não, eu comecei como monitora de professores, então agora estou trabalhando o 2º ano na multissérie. É dificultoso, porque não tinha experiência, além de ser a multissérie ainda tem alunos incluídos na turma os alunos com necessidades especiais, encontrei uma barreira onde me via em alguns momentos sem saber o que fazer, pelo fato de não ter suporte. Pra que a gente faça um bom trabalho com relação como define a multissérie eu defino como um desafio muito grande, onde a gente tem que amar mesmo o que faz pra conciliar, os conteúdos, porque é muito complicado. (Professora Carmelita, 2018).

Sempre atuei na multissérie. A multissérie ela vem ser o conjunto de conhecimentos. (Professor Nestor, 2018).

Percebe-se na fala da professora Carmelita, que ela nunca tinha atuado na multisserie e que para ela é dificultoso trabalhar numa turma multisseriada, além de ser multisserie ainda tinha os alunos com necessidades especiais, pois, em alguns momentos na sala de aula se via perdida sem saber o que fazer. Nesse sentido, a mesma define a multissérie como um desafio muito grande, onde é preciso amar realmente o que faz para poder desenvolver com êxito os conteúdos para os seus educandos, pois para ela é muito complexo trabalhar numa turma multisseriada devido trabalhar com várias séries juntas.

O professor Nestor sintetizou dizendo que sempre trabalhou na multisserie e que definia a multisserie como um conjunto de conhecimentos.

Nesse sentido, o trabalho do professor nas escolas do campo deve ser olhada pelos governantes com um carinho especial, pois, o docente é responsável por socializar os indivíduos que de fato precisam de uma educação de qualidade e que ficam a mercê das políticas educacionais existentes no cenário brasileiro. Pois, é através e das suas ações e dos questionamentos que o docente terá compreensão que só será possível sair do conformismo e da alienação através da participação política.

Desse modo, a educação ético-política estabelece uma relação dialética entre a Educação e a política, ao mesmo tempo que abre caminho entre ambas, pois a prática pedagógica é uma prática política que deve tornar-se uma práxis, como ação-reflexão-ação transformadora do mundo (GHEDIN, 1997). É necessário que ambas a prática e política ande na mesma direção com os mesmos ideais onde devem ser ações-reflexões, fazendo com que o educador acompanhe as transformações que a sociedade vem sofrendo. Sendo assim, o educador será capaz de se libertar da alienação política da sociedade opressora. Nesse sentido, o trabalho pedagógico é por excelência essencial para o educador, pois o mesmo tem o poder de humanizar os educandos em seus aprendizados. Sobre como trabalhar nas classes multisseriada a professora ressalta que,

Onde nós mesmos professores pedagogos temos que nos virar, passar e tentar repassar o que nos é colocado dentro de um limite, onde a gente se ver, eu me vejo perdida não sei ainda não me encontrei,[...] o planejamento nem mais temos praticamente conversas, o currículo da grade é muito complexa é muito complicado pra se trabalhar com a multisserie é onde vem os alunos especiais, a gente não sabe se desenvolve para alunos especiais ou em multisserie em si. (Professora Carmelita, 2018).

Segundo Pimenta (2005, p. 18), espera-se que o docente mobilize os conhecimentos da teoria associados à dialética a compreensão do ensino como realidade social, desenvolvendo “[...] a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituírem e

transformarem os seus saberes-fazer docentes, em um contínuo de construção de suas identidades como professores.

Como cita a autora, é notório afirmar que todo professor deve ter a capacidade de rever e analisar as práticas utilizadas para desenvolver suas atividades, e que a partir da análise feita, o docente possa argumentar, transformar e saber direcionar o seu saber-fazer docente construindo então, sua identidade enquanto educador e transformador de pensamentos e realidades. Entretanto, em seus discursos sobre as limitações os docentes responderam que,

São muitas as limitações, principalmente que eu trabalho com a multisserie e os alunos incluídos, sendo que a gente não tem um suporte pelo menos apropriado, pra que esses alunos tenham acompanhamento juntamente comigo e os demais alunos, para a gente fazer um bom trabalho, outras limitações na multisserie é muito complicado a gente as vezes se vê perdida em algum tema em algum conteúdo onde muitas vezes a gente pega alunos que não sabem ler e escrever, outros já sabem ler e escrever perfeitamente, outros nem sabem ainda assinar os nomes então se vê ali perdido onde a gente tem que voltar pra uns alunos, parar para outros, é complicado. (Professora Carmelita, 2018).

São muitas limitações, porém há muitas dificuldades por se tratar de multissérie é o professor tem que ter muita flexibilidade para poder tentar dominar os conteúdos envolvendo a multissérie. (Professor Nestor, 2018).

Partindo das respostas dos professores, percebe-se que as dificuldades em construir métodos para facilitar o entendimento dos alunos dentro de sala de aula, é muito grande, pois, pelo fato de serem várias séries juntas se sentem perdidos em repassarem os conteúdos propostos pelas matrizes curriculares. Freire (2005, p. 59) enfatiza que, aprender precede ensinar, uma vez que ensinar não é depositar conhecimentos e sim construir conhecimento educador e educando.

Desse modo, faz sentido a citação do autor quando ele frisa, que ensinar não é depositar conhecimentos, e que os professores devem sempre estar se aprimorando e querendo aprender algo novo, para não depositar conhecimentos e sim descobrir com o educando como se dar a construção de novos conhecimentos. Segundo Fernandes, para viabilizar seu projeto de transformação. É necessário que, [...] Este compromisso tem como uma de suas implicações o esforço que devemos fazer para traduzir em políticas públicas, em relações pedagógicas e em metodologias de aprendizagens, os demais compromissos. (FERNANDES, 2005).

Nesse sentido, segundo o autor para que realmente aconteça essa transformação é necessário que haja comprometimento ético e moral de todos os envolvidos que lutam em prol de uma educação de qualidade.

Nesse contexto, educacional os educadores entrevistados avaliam o desenvolvimento de suas práticas, e as vantagens ou desvantagens em trabalhar nas turmas multisseriadas, percebi também na fala dos pais que há uma desvantagem muito grande em relação aos seus filhos estudarem numa turma multisseriada, principalmente no desenvolvimento aprendizagem dos mesmos, então eles responderam que:

De acordo com a fala de uma das professoras falta os materiais necessários, recursos pedagógicos para dinamizar sua pratica de educadora, o que melhoraria o desempenho dos educandos, uma vez que haveria, o desenvolvimento daquele aluno bem mais rápido, ou então, ele conseguiria entender com aquela facilidade sendo que o a desvantagem é,

[...]porque a gente não tem quase que nada, [...] principalmente são os materiais que a gente se encontra sem nenhum, então temos que nos virar como diz o ditado fazer das tripas coração, e fazer o possível para que a gente desenvolva uma boa atividade. (Professora Carmelita, 2018).

Olha o meu desenvolvimento é bom, porque eu que procuro focalizar as necessidades dos alunos tanto coletivamente como individualmente. Há vantagens porque dentro da turma geralmente é uma minoria que ainda tá na fase da aprendizagem da leitura. (Professor Nestor, 2018).

Segundo o relato da professora Carmelita, há uma necessidade expressiva de materiais didáticos para que possa desenvolver um trabalho eficaz com a turma, ela relata que com os materiais que produz não é o suficiente para desenvolver um bom trabalho. Já no relato do professor Nestor, o seu desenvolvimento com a turma é bom, pois procura fazer um diagnóstico dos alunos tanto coletivamente como individual e percebi que a ausência de materiais didáticos não faz falta no seu fazer pedagógico. Ele frisa também que trabalhar numa turma multisseriada há vantagens, porquê na sua turma é a minoria que ainda está em fase de desenvolvimento da aprendizagem.

Ao serem entrevistados os pais, ressaltaram o seu ponto de vista em relação ao ensino das classes multisseriadas e relataram que há desvantagens dos alunos estudarem numa turma de multisseriação e de como afeta a aprendizagem dos seus filhos.

Eu acho que tem, porque como é multisseriada, certos professores dão atenção pra certos alunos que já sabem ler , e outros professores dão atenção para aqueles que realmente precisam de ajuda então atrapalha muito a turma. (Dona Rosa).

Acho que sim, tem porque na hora de fazer os trabalhos é complicado porque passar pra uma turma e depois pra outra, acho que seria melhor só uma série pra cada professor. (Dona Margarida).

Afeta, porque tem muita conversa, e na turma tem muita criança.

(Dona Inês).

Tem, porque não tem muita aprendizagem, porque o professor tá ensinando várias séries, não só uma série. (Dona Maria).

É perceptível na fala dos pais que não está havendo uma aprendizagem significativa para os seus filhos por estudarem numa turma multisseriada. Nesse sentido, na opinião dos mesmos há vários fatores que interferem na aprendizagem dos alunos como: falta de atenção dos professores para aqueles alunos que realmente precisam, muitas crianças juntas e por ser várias séries juntas, então conclui que as falas dos professores divergem com a opinião dos pais, então é necessário que o professor reveja onde está se equivocando no seu fazer pedagógico.

Nesse sentido, Ferreiro (1993, p. 5) nos orienta ao afirmar que “a prática educativa sempre traz em si uma filosofia política, tenha o educador consciência disso ou não”. É importante ressaltar que o educador em sua docência não venha perder a sua essência e que sempre tenha princípios éticos para que venham trabalhar nos educandos do campo seus valores, cultura e a sua história.

A referida autora destaca a importância do educador ter ética no seu fazer pedagógico e valorizar a cultura, valores e principalmente a história dos seus alunos para que futuramente a sua história não se perca no esquecimento.

3.2. PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA MULTISSERIE

De acordo com Molina (2004), a escola, muitas vezes, trabalha conteúdos descontextualizados, tornando-se fragmentos que expressam em ideias soltas, sem relação entre si, perdendo a perspectiva maior da formação humana. Como frisa a autora é necessário que o sistema educacional elabore um currículo com livros didáticos com um calendário que almeje a diversidade dos discentes nos espaços rurais. Para que venham fomentar no aluno do campo um conhecimento dos seus direitos, aumentando assim, no seu âmago uma vontade e um desejo de lutar por seus direitos perante a sociedade para que não haja precarização na educação e que não venham aumentar o fracasso escolar do alunado do espaço rural.

De acordo com as entrevistas, as práticas pedagógicas nas escolas do campo são muitas vezes fragmentadas, os conteúdos curriculares estão fora do contexto rural, os livros didáticos não condizem com a realidade do aluno do campo, sendo que educador tem um papel fundamental no desenvolvimento das práticas pedagógicas e deve buscar meios eficazes

para que o discente tenha a compreensão do meio em que vive para que futuramente não venha perder a sua essência. Em seus discursos sobre a rotina da sala de aula e em casa os professores e os pais frisaram que,

Com relação a rotina da leitura eu tiro um dia onde a gente coloca como hora da leitura como é multisserie hoje trabalho com três series, então dia de segunda eu trabalho com o 5º e o 4º ano e na quarta eu trabalho só com o 3º ano trabalho com trava língua, historinhas infantis até mesmo textos explicativos. (Professora Carmelita, 2018).

Com relação eu domino é o mesmo conteúdo para todos, porém com atividades diferentes de acordo com a série a gente vai passando as atividades uma diferente da outra. (Professor Nestor, 2018).

Bom é assim, lá em casa não tem rotina não como é pra ser eu entendo que é um erro meu. (Dona Rosa).

A tarde ele vai para a escola, à noite ele pega o caderno e o livro e vai estudar de vez em quando não é sempre. (Dona Margarida).

Ele tem, quando chega da escola eu mando ele descansar um pouco aí depois eu mando ele fazer o trabalho escolar. (Dona Inês).

Tem, ele chega e brinca um pouco aí mais tarde, ele faz a atividade aí ele aprende mais. (Dona Maria).

A análise das entrevistas dos professores revela que eles trabalham de forma diversificada as atividades de leitura conforme a série e o seu desenvolvimento na aprendizagem. Por outro lado, foi possível verificar na entrevista das mães que a maioria dos seus filhos tem uma rotina em relação as atividades escolares em casa, isso demonstra que o professor não está trabalhando sozinho e que seu empenho na aprendizagem dos alunos está sendo valorizado pelos pais. Desse modo,

A criança vive imersa em um mundo com sistemas simbólicos socialmente elaborados e tenta compreender essas marcas especiais não através de técnica específica de aprendizagem, mas de um prolongado processo construtivo. Ou seja, a criança vive e constrói suas formas ou maneiras de leitura a partir dos símbolos em seu dia-a-dia. (FERREIRO, 2001, P. 2001).

Ao analisar a questão, a autora frisa que a criança vive numa sociedade letrada, e que na questão da língua escrita o conhecimento que o aluno traz do seu meio não é valorizado, pois a linguagem escrita não se reduz a um processo de decodificação, partato, o mesmo vive em meio a símbolos que constrói o seu aprendizado através de outras formas de representação. Desse modo, os docentes frisaram como desenvolvem suas atividades lúdicas envolvendo a leitura com as turmas.

O lúdico na leitura hoje a gente trabalha mesmo mais a linguagem como a forma de como eu leio [...] Como eu não tenho nenhum tipo de material pedagógico como fantoche e os outro eu trabalho mesmo é com as mímicas,

ao ler eu vou fazendo os gestos com as mãos com a boca e o corpo todo fica bem intensamente e eles gostam. (Professora Carmelita, 2018).

Eu desenvolvo minhas atividades em sala de aula utilizando o lúdico como: Jogos, leitura coletiva e individual. É importante a utilização do lúdico na sala de aula, pois as atividades ficam mais atrativas e prazerosas. (Professor Nestor, 2018).

Nesse sentido, os educadores desenvolvem suas atividades utilizando o lúdico em sala de aula, eles almejam trabalhando o lúdico numa turma multisseriada desenvolver uma aprendizagem mais significativa, é necessário que haja para esse profissional uma formação lúdica. A formação valoriza a criatividade, o cultivo da sensibilidade e a busca da afetividade. Quanto mais o adulto vivencia sua ludicidade, maior será a probabilidade de trabalhar com a criança de forma prazerosa [...] (SANTOS, 1997, p. 15).

Para a autora, é relevante que o professor tenha uma formação lúdica, pois a mesma propicia ao docente e aos discentes momentos de prazer e satisfação, fomentando assim, uma gama de oportunidades no processo ensino aprendizagem dos alunos. Quando perguntados se os professores contam histórias todo dia e de que maneira, eles responderam que:

Bom todos os dias eu não conto histórias, mas como eu já falei, anteriormente eu tiro dois dias na semana pra que eles façam a leitura deles no dia da leitura eu sempre tenho uma semana que é leitura normal dos textos e na outra eu tiro historinhas como Pequeno Polegar, Branca de Neve e as demais histórias até mesmo história sobre o Brasil. (Professora Carmelita, 2018).

Todos os dias do primeiro momento da aula é de história. História dos livros de literatura e logo em seguida peço para algum aluno contar uma história. (Professor Nestor, 2018).

Nesse sentido, ler e escrever são essenciais para que a criança tenha autonomia para resolver qualquer questão das disciplinas, desse modo percebe-se que os educadores estão no melhor caminho pois leem todos os dias para e com seus alunos, principalmente a leitura de diferentes gêneros literários. A leitura, faz com que a criança aguçe de forma espontânea a sua imaginação e aumente o gosto pela leitura. Nota-se que “seria importante dizer que a literatura infantil cumpre um papel fundamental no processo de escolarização da criança, o que conseqüentemente, contribuirá de forma decisiva para a formação do futuro leitor”(PAIVA, 2008, p. 36).

Como ressalta a autora, é relevante incluir diariamente nas aulas, leitura dos contos infantis, pois o mesmo possibilita ao educando ser futuramente um leitor por excelência. De

acordo com a leitura dos gêneros textuais como é desenvolvida as atividades dos alunos no dia-a-dia os professores relataram que:

Atividades que a gente desenvolvem são principalmente a roda de conversas onde nos sentamos em forma de círculo daí vai a pergunta o que eles entenderam da história, o que ela tá transmitindo, como eles gostariam que ela fosse, o que eles acharam da história aí a gente coloca as atividades de responder, mais esse resposta é onde vai marcar com opções pra eles não terem dificuldades até onde a gente chega a brincar mesmo com os alunos a partir do que eles entenderam e gostaram da história os alunos atuam na sala. (Professora Carmelita, 2018).

Procuro primeiro trabalhar com as palavras chaves e a partir daí a gente vai adentrando de acordo com a leitura e a interpretação de cada um. (Professor Nestor, 2018).

Percebe-se nos relatos dos professores que eles desempenham com êxito suas atividades de leitura dos gêneros textuais com seus alunos, os mesmos utilizam em suas práticas pedagógicas, métodos condizentes para que o aluno interaja após a leitura dos textos, fazendo com que eles entendam, participem. Nesse sentido, com empenho dos professores serão formados cidadãos leitores, críticos e reflexivos perante a sociedade.

Segundo Freire (2002), a educação pode proporcionar formação de sujeitos que sejam protagonistas de suas histórias, ou melhor, ela pode ser alternativa de mudança dentro da sociedade de classes. O que o autor afirma é pertinente quando fala que a educação pode transformar o mundo, pois é a responsável pela formação e qualificação do ser humano, na disputa por melhores empregos. Desse modo, o educador na escola constrói uma concepção de educação no seu fazer pedagógico.

De acordo com Borges e Ghedin (2010, p. 34-35) o professor vai acumulando informações e teorias e, através da reflexão-ação, passa a construir um todo a partir dos conhecimentos obtidos, os trabalhos pedagógicos interligam reflexões teóricas que todo educador deve se basear, e as ações experiências de vida e até mesmo na sua, porque tudo que acontece de bom e que o professor aprende na sua trajetória enquanto estudante permanece nele e a leva para sua vida profissional, de certo modo o docente desempenhará um ótimo trabalho diante a classe. Nesse sentido, faz-se necessário que os professores que atuam no campo tenham cursos de formação continuada, ou especialização, pois, muitas vezes estão alheios as mudanças que ocorrem nas leis referentes a educação do Brasil.

Segundo Nóvoa (1992), não há ensino de qualidade e inovação pedagógica sem uma adequada formação de professores. A formação consistente do professor, tanto inicial como

continuada, é essencial para a compreensão, de forma crítica e reflexiva, das teias de relações que fundamentam a escola.

Ao se reportarem sobre como os professores desenvolvem as atividades de leitura com as crianças que não sabem ler e escrever e se as atividades são diferenciadas, destacam que:

São diferenciadas sim, com as crianças que sabem ler a gente vai para atividades a escrita e a leitura onde eu formulo perguntas de acordo com o que foi lido, a história que foi passada pra eles eu formulo perguntas para as crianças que não sabem ler e escrever, eu formulo atividades de acordo com o aprendizado deles, as perguntas vão de acordo com o que eles entenderam é mais de marcar e desenhar, eu desenvolvo questões onde ele complete e marque, como ele entendeu. Por que é muito complicado trabalhar com quem sabe escrever e ler e com quem não sabe ler e escrever, porque alguns escrevem todas as suas atividades e desenvolvem no tempo colocado. (Professora Carmelita, 2018).

Eu, procuro trabalhar de forma individual com cada um, procurando trabalhar a parte do básico, para ele poder conhecendo, primeiro interpreta da forma dele, ele vai relatando, como é fácil interpretar. Mas, em relação da leitura dele já vai ser na parte individual, no básico para ele ir se adaptando como ele não sabe ler. As demais trabalhamos também de forma relatando o que entendeu e os demais é mais fácil porque já sabem relatar através da escrita o que eles entenderam. Um pouco, porque assim, é pouco porque alguns já sabem ler e escrever. (Professor Nestor, 2018).

Percebe-se na fala dos professores que desenvolvem atividades diversificadas conforme o desenvolvimento da aprendizagem dos discentes, os professores já sabem quais os alunos que tem mais dificuldades na leitura e escrita, dessa forma fica melhor trabalhar os conteúdos com os alunos. Portanto, ser alfabetizador é papel fundamental na vida das crianças, pois, o mesmo oportuniza ao aluno fazer desse objeto sua comunicação favorecendo a crianças entender a importância de saber ler e escrever. Por isso, Ferreiro (1987) diz que:

Aprender a ler começa com o desenvolvimento do sentido das funções da linguagem escrita. Ler é buscar significado, e o leitor deve ter um propósito para buscar significado no texto. A leitura e escrita são práticas sociais. Sendo assim, a criança desenvolve a linguagem falada, lida e escrita pela interação com o meio social e também fazendo ligação com o que ela já sabe. (FERREIRO, 1987, p. 21).

Segundo a referida autora, a criança desenvolve sua linguagem falada, lida e escrita através da interação com o meio social, e, também fazendo ligação com o que já sabe, dessa forma o professor deve utilizar todo e qualquer informação que a criança demonstra saber. Portanto, Ao serem interrogados se eles incentivam as crianças a contar e recontar as histórias e narrar as situações cotidianas de que maneira? Os professores relatam que:

Sim, incentivo como por exemplo: a gente conversar muito sobre os nossos avós as histórias que nossos avós contavam, os métodos de como eram antigamente o estudo como diz eles, aí eu conto pra eles o que nossos avós passaram, há na época que eles estudavam era assim, assim, assim, aí eles começam e comparam com as situações de hoje como por exemplo o aluno ver o professor como uma pessoa comum como um deles sendo que o respeito a gente tem mesmo que se fazer professor pra que eles nos respeitem. (Professora Carmelita, 2018).

Como se percebe na fala da professora os alunos tem um importante incentivo por parte da educadora em relação a contar e recontar histórias, principalmente quando a mesma utiliza os parentes das crianças como um suporte educacional, onde a cultura local é valorizada pela professora, portanto, desse modo vem viabilizar o aprendizado dos discentes.

E as situações que eles contam é como por exemplo se eles vejam na televisão alguma situação relacionada ao professor e aluno eles vem e contam, é professora realmente a gente ver que tem aluno que agride, hoje por exemplo de manhã aluno fez isso com o professor, então a gente compara conversa muito, o que a gente vive e o que já foi vivido pelos nossos avós pelos nossos pais e o que ainda pode acontecer se continuar o ensino dessa forma onde o aluno ver o professor mesmo só como uma maneira de aprendizado onde o respeito, hoje, digamos que não tá nem em segundo lugar. (Professora Carmelita, 2018).

Em face as dificuldades que os professores enfrentam numa classe multisseriada percebe-se no relato da docente que a mesma interage com os alunos utilizando como recurso o que está ao alcance dos alunos no seu dia a dia como as informações da televisão como a violência contra professores, então a professora utiliza as informações que os alunos trazem de casa, dando uma aula dialogada, fazendo com que haja um momento de interação entre professor e aluno.

É assim que para Goldman (1995):

As salas de aula precisam refletir os ricos ambientes alfabetizadores, nos quais as crianças estão mergulhadas fora da escola. A criança pode experimentar o imaginário e estabelecer seus próprios parâmetros segundo a sua realidade. (GOLDMAN, 1995, p. 49).

Partindo do pressuposto que as crianças precisam de ambientes ricos que favoreça a alfabetização, segundo a autora torna-se necessário que a escola seja esse elo de ligação entre aluno e ambiente alfabetizador e que possibilite esse ambiente para essas crianças para que venha favorecer e aguçar gosto pela leitura possibilitando aprendizagem aos alunos que ainda não sabem ler e escrever.

Os Pcn's (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa (1997, P 58), apontam que para tornar os alunos bons leitores “precisará fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisará torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a aprender fazendo”. Nesse sentido, trabalhar o cotidiano dos educandos é importante, na fala da professora,

A gente conversa também as nossas histórias cotidianas é muito relacionada ao nosso folclore que ainda a gente ver hoje diminuiu bastante, que os antigos colocavam algumas danças como as histórias até mesmo brincadeiras de pássaros de animais onde tinha comédias ainda hoje eles veem mais é bem pouco o porquê eles fazem aquilo e hoje como é que eles veem essa cultura que hoje está quase que esquecida. (Professora Carmelita, 2018).

Percebe-se que a professora utiliza vários caminhos para poder conseguir com que as crianças façam a leitura de diferentes textos, apesar de viverem numa sociedade letrada. Portanto, é árduo o caminho a ser percorrido pelo educador até chegar a uma solução que venha dar suporte ao trabalho educacional em relação a leitura dos alunos com eficiência.

Nesse sentido, Santos (2005, p. 32), sugere que os educadores “comecem a mudar as formas de pensar o currículo, olhar e sentir o presente como meio reflexão para a construção do futuro”. De certo modo, esse é o caminho mais viável para a construção de um mundo mais humano, justo e igualitário.

Para materializar a proposta de Santos (2005), é necessário efetivar as políticas públicas educacionais, e com a socialização das pessoas através da ação reflexiva e dialógica a mudança de fato irá acontecer. Pois, segundo Lopes (2000, p.19), “[...] é a Educação que mantém viva a memória de um povo e dá condições para a sua sobrevivência, para a transformação do mundo natural, social e de si mesmo. [...]”. E o professor é um mediador nesse processo. Pergunto ainda aos professores: como incentivam seus alunos a contar histórias,

Com relação se eu incentivo eles a contar sim porque eu conto de maneira que me foi repassada pelos meus avós todas as histórias, tanto lendas como histórias reais histórias que eles mesmo criavam até hoje ainda criam como por exemplo a Matinta-Perera, a porque a vizinha se transformava no bicho, onde ela pegava as outras, eu continuo contando estimulando eles a contarem a repassarem aos seus filhos que virão, para as crianças menores que eles, porque a nossa vida tem que ser a base da cultura, porque sem cultura eu acho que seríamos um povo bastante triste desanimado se a gente não acreditar no que pode ser no que poderia ser, onde a gente vive num mundo tão fantasioso e tão bonito que dar vontade dede nem sair desse mundo e vim pra esse mundo real que hoje tá tão complicado. (Professora, Carmelita, 2018).

Sim a maneira de como eles vivenciam no dia a dia, como por exemplo nos finais de semana o que eles vivenciam, assim que eu procuro, que eles relatem o que vivenciam e o que eles observam no mundo lá fora. (Professor Nestor, 2018).

Levando em consideração as falas dos professores fica claro que incentivam seus alunos a lerem com atenção, pois, os mesmos utilizam várias atividades que faz com que os alunos interajam com a turma fazendo relatos do seu dia-a-dia, a professora vai mais além, quando incentiva seus alunos a contar histórias que seus familiares contam sobre lendas locais, isso faz com que a sua cultura não cai no esquecimento e que seja valorizada pelos próprios alunos. E que na hora das entrevistas com os professores observei que não havia na sala de aula o cantinho da leitura, pois os dois professores trabalham na mesma sala em diferentes turnos. Nesse cenário, é interessante que os professores produzam junto com os alunos um lugar atrativo para a leitura. Portanto, fará com que os alunos ao folhear os livros sintam curiosidades em saber de que se trata as histórias dos livros pois assim, os mesmos sentirão prazer em aprender a ler.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se analisar a problemática enfrentada pelos docentes, em que os mesmos encontram dificuldades em desenvolver suas práticas no processo da aquisição da leitura nas turmas multisseriadas numa escola no campo no município de Magalhães Barreta-PÁ.

Ao considerar que se trata de um tema tão discutido pelas autoras Ferreiro (1987), Paiva (2008) e Caldin (2003), cabe dizer que é um problema complexo principalmente por se tratar de alunos que estudam em classes multisseriadas. Nesse sentido, o docente que atua nessas turmas, e que enfretam essas dificuldades precisam ser valorizados e ser entendidos, que não é fácil trabalhar sem recursos, sem apoio pedagógico, sem formação adequada e especificamente com políticas públicas deslocadas da realidade dos alunos.

Os textos aqui apresentados retratam a situação precária da Educação do Campo no cenário brasileiro, e sinalizam que muito já foi feito através das lutas dos movimentos sociais, mas, que ainda não foi o suficiente para melhorar a educação no Brasil. Desse modo, vale ressaltar que os professores vivem trabalhando nessas escolas com a perspectiva que um dia essa realidade vai mudar.

Nesse sentido, vale ressaltar que os professores que trabalham nessas turmas enfrentam altos índices de crianças reprovadas, turmas lotadas e crianças com idades e aprendizados diferentes. Ao longo desta pesquisa, foram apontados pelos professores muitos pontos que precisam ser repensados pelos governantes como: falta de cursos em relação a educação do campo, livros adequados a realidade dos alunos, falta de material pedagógico, acompanhamento de um profissional especializado em inclusão onde houver necessidades e políticas públicas que venham fomentar a educação nas escolas do campo.

No que diz respeito as práticas desenvolvidas pelos docentes, frisaram que trabalham de maneira diversificada, com seu alunos e que apesar de ter pouco material didático disponível, os mesmos conseguem trabalhar a leitura de forma lúdica utilizando em suas aulas recursos pedagógicos como: contação de histórias, livros infantis, narrativas das próprias crianças e livros didáticos. Os docentes também ressaltaram que em suas aulas de leitura perguntam para seus alunos como foi seu dia, sempre valorizando sua cultura e sua história.

Nesse cenário é a escola que tem a obrigatoriedade de formar leitores, dando o suporte necessários para que os professores desenvolvam práticas reais de leitura e que venham oportunizar o desenvolvimento da leitura no cotidiano dos alunos.

Nas entrevistas realizadas com os professores, percebi o quanto os mesmos se esforçam para que seus alunos tenham um bom desenvolvimento na sua aprendizagem e o quanto é complexo trabalhar sem pelo menos com o básico como cita a professora Carmelita. Porém, na fala do professor Nestor percebi que ele domina bem os conteúdos e que apesar da falta de formação e das dificuldades citadas, sempre encontra meios eficazes para poder desenvolver seu trabalho com êxito.

Desse modo, é necessário que seja oportunizado práticas de formação continuada para professores, pois, segundo o relato dos professores nunca tiveram cursos que viabilizassem suas práticas no ensino da leitura condizentes com as necessidades e peculiaridades dos alunos que estudam nas turmas multisseriadas.

Diante do exposto, sabemos que a educação vem se construindo ao longo dos tempos, e que o maior mediador nessa construção é o educador, e nesse processo o educando é estimulado a descobrir a sua identidade fazendo com que o mesmo aja de forma crítica e reflexiva no meio em que vive. Dessa forma, o educando só poderá ser essa pessoa crítica e reflexiva se souber realmente interpretar através da leitura o que de certo modo o texto quer dizer.

As práticas pedagógicas dos professores das classes multisseriadas precisam ser objeto de reflexão e sobretudo, eles precisam construir uma prática de leitura e que venha possibilitar ao educando o desempenho na sua criatividade e da autonomia. Nesse sentido, o educador do campo necessita ser valorizado em todos os aspectos, enfim isso só será realmente possível se as autoridades se conscientizarem com a realidade que vivem os professores e os alunos do campo, só assim, garantiram assim uma educação de qualidade para todos.

Diante disso, também identifiquei nos relatos dos docentes as angústias que eles enfrentam ao trabalharem numa escola do Campo, pois sentem dificuldades de conduzir os processos que são propostos pela grade curricular por serem conteúdos deslocados da realidade dos alunos do campo.

Nesse sentido, foi possível perceber que é necessário adequar o currículo de acordo com a realidade e as necessidades do alunado do campo, ofertar formação continuada e melhores salários para os docentes que trabalham nesses ambientes desprovidos de recursos e infraestruturas, entre outros. Deve-se considerar que na escola do campo estuda pessoas com sonhos e desejos de ter uma educação de qualidade para poder se profissionalizar e ter um bom emprego, mas para que esse sonho venha se concretizar, é necessário que o Estado fomenta políticas públicas condizentes com a especificidade dos alunos do campo, dando uma

atenção específica para as escolas rurais, pois o povo campesino merece respeito e que seus direitos sejam valorizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Instrução pública no Brasil (1500-1889): história e legislação**. 2.ed. São Paulo: EDUC/INEP/MEC, 2000.

ANDRADE, M. R.; DI PIERRO, M. C. **Programa nacional de educação na reforma agrária em perspectiva: dados básicos para uma avaliação**. São Paulo: Ação Educativa, 2004.

ATTA, Dilza. **Escolas de classe multisseriada: reflexões a partir de relatório de pesquisa**. In: PROGRAMA DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO MUNICIPAL (PRADEM). Escola de Classe Multisseriada. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Clemente Mariani, 2003. (Série Grupos de Estudo, n. 1, 28 p.)

BORGES, Heloisa da Silva; GHEDIN, Evandro. **Fundamentos para pensar o currículo: formação continuada em pressupostos curriculares**. Manaus: Travessia/Secretaria de Estado de Educação, 2010.

_____. **O mundo do trabalho e a universidade como geradora de saber**. Manaus: Faculdade Salesiana Dom Bosco/BK, 2006.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª séries)**. Brasília: MEC/SEF, 1997, 10 volumes.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem-Terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____, R. **Momento atual da Educação do Campo**. Disponível em: <<http://www.nead.org.br/index.php?acao=artigo&id=27>>. Acesso em: 7 jan. 2010.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CALDART, Roseli Salete. **Momento atual da educação do campo**. Disponível em: <http://www.nead.org.br/index.php?acao=artigo&id=27>. Acesso em: 27 de ago. 2007.

CALDART, Roseli Salete, **Momento atual da Educação do Campo**. Disponível em: <<http://www.nead.org.br/index.php?acao=artigo&id=27>>. Acesso em: 7 de jan. 2010.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A função social da leitura da literatura infantil**. Encontros Bibli:Revista eletrônica de Bibliotecomia e Ciencia da Informação, 15 (8), 47-58. 2003.

Internet. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.../5235>
Acesso em 24-01-2015.

CALAZANS, Maria Julieta Costa; SILVA, Hélio Raymundo Santos. **Estudo retrospectivo da educação rural no Brasil**. SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL. Anais do Seminário de Educação no meio rural. Ijuí, RS: INEP, 1982. 307p.

CARVALHO, Laerte Ramos de. **As reformas pombalinas da instrução pública**. São Paulo: Saraiva/Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

CERVO, Amado L; BERMAN, Pedro A; DA SILVA, Roberto. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson, 2007.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil leitura crítico-compreensiva, artigo a artigo** / Moaci Alves Carneiro. 23. ed. revista e ampliada. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA (CPT). **Conflitos no Campo**, Goiânia, São Paulo 2000.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 7. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus Editora USP, 1996.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Diretrizes** de uma caminhada. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs). **Por uma educação do campo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete (Orgs.). Primeira Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do campo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FERREIRA, Nilda. **Cidadania: uma questão para a educação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo**. Tradução de Marisa do Nascimento Paro e Sara Cunha Lima. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____, **Reflexão Sobre Alfabetização** – 24º ed. Atualizada (Coleção Questões da Nossa Época, vol. 14) – São Paulo: Cortez, 1987

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

_____, **Pedagogia da Autonomia**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 28, ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003, 165p.

FREIRE, J.C.S. Currículo e docência em classes multisseriadas na Amazônia Paraense: o Projeto Escola Ativa em foco. In: HAGE, S.M. (Org.). **Educação do Campo na Amazônia: retratos da realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gutemberg, 2005.p.163-195.

GHEDIN, Evandro. **Ética e libertação em Paulo Freire**. Revista Librorum: Revista do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Amazonas, Manaus, ano 2, n. 1, p 7-13, 1997.

GOLDMAN, Yetta M. **Como as crianças constroem a leitura e a escrita**. Ed. Artes Médicas – Porto Alegre / RS, 1995.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Classes Multisseriadas: desafios da educação rural no Estado do Pará/Região Amazônica**. In: HAGE, Salomão Mufarrej (Org.). **Educação do Campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará**. Belém: Gutemberg,2005. p. 42-60.

HAGE, Salomão Mufarrej & BARROS, Oscar Ferreira. **Retratos e desafios das escolas multisseriadas na Amazônia paraense: Referências para debate sobre a organização do trabalho pedagógico**. Belém: 2005.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LEOPARDI, Maria Tereza. **Teorias de enfermagem: instrumentos para a prática**. Florianópolis: Papa Livros, 1999.

LOPES, Wiama de Jesus Freitas. **A (In)viabilidade da metodologia Escola Ativa como Prática curricular para ensinar e aprender no campo**. In: HAGE, S.M. (org.). **Educação**

do Campo na Amazônia: retratos da realidade das escolas multisseriadas no Pará. Belém. Gutemberg, 2005, p. 212-229.

LOPES, Regina Pereira. **Pedagogia e emancipação humana**. São Paulo: Olho d'Água, 2000.

MANÇANO, Bernardo. **Diretrizes de uma caminhada**. In: ARROYO, Miguel G.; CALDART, Roseli.; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma Educação do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional, 2004.

NEVES, Maria de Fátima. **O Método de Lancaster e a memória de Martim Francisco**. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED), 23, Anais..., Caxambu, 2000. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reuniões/23/textos/0210t.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2008.

NÓVOA, António (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional de Inovação Educacional e Autores, 1992.

PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (organizadoras). **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido. **Professor: formação, identidade e trabalho docente**. In: _____. (Org.). _____. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

QUEIROZ, Maria Aparecida de. **Educação Rural: Influências de orientação externa ao país: o exemplo da Região Nordeste**. Réseau EDUCALE (Education Amérique et Europe), França, n. 4, p. 8-13, out. 1998.

RAMOS, Marise Nogueira; MOREIRA, Telma Maria; SANTOS, Clarice Aparecida. Caderno de Subsídios (coords.). **Referências para uma política nacional de educação do campo: caderno de subsídios**. Brasília, DF: Secretária de Educação Média e Tecnologia. Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004.

REIS, Maria Izabel Alves dos – **As Reformas educacionais brasileiras e suas implicações para a escola e o trabalho docente: Breves reflexões sobre o trabalho docente nas escolas do campo**. Disponível em: <http://www.ead.ifpa.edu.br>. Acessado em 15/06/10.

RIBEIRO, Maria Luiza Santos. **A Organização Escolar no contexto da Consolidação do Modelo Agrário-Exportador Dependente (1549-1808)**. In: _____. História da Educação no Brasil. 17. ed. ver. Ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. p. 17-22. _____. (Coleção memória da educação).

_____. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 15. ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

SANFELICE, José Luis. **Dialética e pesquisa em educação**: In: LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANE, Dermeval. (Orgs). **Marxismo e educação**. Campinas, São Paulo, 2005.

SANTOS, Aldemar. O estudo do currículo escolar do Ensino Básico e sua ressignificação. In: _____. (Org.). **Perspectivas em currículo**. Manaus: Editora da Universidade do Estado do Amazonas, 2005.

SANTOS, S. M. P. dos. **O Lúdico na Formação do Educador**. Vozes: Petrópolis, 1997.

SILVA, Ilsen Chaves da. **Escolas Multisseriadas: quando o problema é a solução**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Planalto Catarinense, Lages, 2007.

SILVA, Ilsen; CAMARGO, Arleide; PAIM, Marilane, **Fênix que renasce ou "praga a ser exterminada"**: escola multisseriada. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO (ENPEC), 2., Brasília, 6 a 8 de agosto de 2008. Anais... Brasília: UnB, 2008. CD-ROM.

UNICEF. **O Direito de Aprender**: Potencializar avanços e reduzir desigualdades/[coordenação geral Maria de Salette Silva e Pedro Ivo Alcântara]. – Brasília, DF: UNICEF, 2009.

VENDRAMINI, Célia Regina. **Educação e trabalho**: reflexões em torno dos movimentos sociais do campo. Cadernos do Centro de Estudos Educação e Sociedade, Campinas, v. 27, n. 72, p. 121-135, 2007.

ZAMBERLAN, Sérgio. **Pedagogia da Alternância**. Escola da Família Agrícola. Santa Teresa, ES: MEPES, 1995. (Coleção Francisco Giust, n.1. 1. ed).

ANEXO

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES

1- Identificação

Nome: Professora Carmelita.

Nome: Professor: Nestor

a) Nome:

b) Idade:

c) Sexo:

d) Naturalidade:

e) Escolaridade:

Questão 1- Há Quanto tempo exerce a docência?

Professora Carmelita- Há 2 anos e meio.

Professor Nestor- há 14 anos

Questão 2- Qual a sua formação?

Professora Carmelita- Ensino Superior formada em Pedagogia.

Professor Nestor- nível superior incompleto.

Questão 3- O que você compreende por prática pedagógica?

Professora Carmelita- A prática pedagógica pra mim são métodos que a pedagogia nos oferece onde o aluno sente-se com mais facilidade de aprender, porque através das práticas pedagógicas a gente consegue colocar os conteúdos de forma que fica mais pratica e faz com que os alunos entendam.

Professor Nestor- São medidas para melhorar o aprendizado dos alunos.

Questão 4- Você sempre atuou na multissérie? Como você define a multisserie?

Professora Carmelita- Não, eu comecei como monitora de professores, então agora estou trabalhando o 2º ano na multissérie. É dificultoso, porque não tinha experiência, além de ser a multissérie ainda tem alunos incluídos na turma os alunos com necessidades especiais, encontrei uma barreira onde me via em alguns momentos sem saber o que fazer, pelo fato de não ter suporte. Pra que a gente faça um bom trabalho com relação como define a multissérie

eu defino como um desafio muito grande, onde a gente tem que amar mesmo o que faz pra conciliar, os conteúdos, porque é muito complicado.

Professor Nestor- Sempre atuei na multissérie. A multissérie ela vem ser o conjunto de conhecimentos.

Questão 5- Em sua opinião, que limitações você encontra ao exercer sua prática pedagógica na classe multisseriada?

Professora Carmelita- São muitas as limitações, principalmente que eu trabalho com a multisserie e os alunos incluídos, sendo que a gente não tem um suporte pelo menos apropriado, pra que esses alunos tenham acompanhamento juntamente comigo e os demais alunos, para a gente fazer um bom trabalho, outras limitações na multisserie é muito complicado a gente as vezes se vê perdida em algum tema em algum conteúdo onde muitas vezes a gente pega alunos que não sabem ler e escrever, outros já sabem ler e escrever perfeitamente, outros nem sabem ainda assinar os nomes então se vê ali perdido onde a gente tem que voltar pra uns alunos, parar para outros, é complicado.

Professor Nestor- São muitas limitações, porém há muitas dificuldades por se tratar de multissérie é o professor tem que ter muita flexibilidade para poder tentar dominar os conteúdos envolvendo a multissérie.

Questão 6- Como você organiza a rotina da leitura na sala de aula?

Professora Carmelita- com relação a rotina da leitura eu tiro um dia onde a gente coloca como hora da leitura como é multisserie hoje trabalho com três series, então dia de segunda eu trabalho com o 5º e o 4º ano e na quarta eu trabalho só com o 3º ano trabalho com trava língua, historinhas infantis até mesmo textos explicativos.

Professor Nestor- com relação eu domino é o mesmo conteúdo para todos, porém com atividades diferentes de acordo com a série a gente vai passando as atividades uma diferente da outra.

Questão 7- Que tipos de atividades lúdicas você desenvolve com a turma envolvendo a leitura?

Professora Carmelita- O lúdico na leitura hoje a gente trabalha mesmo mais a linguagem como a forma de como eu leio como eu estou desenvolvendo as mimicas trabalho muito com as mimicas como eu não tenho nenhum tipo de material pedagógico como fantoche e os outros demais eu trabalho mesmo é com as mimicas, ao ler eu vou fazendo os gestos com as mãos com a boca e o corpo todo fica bem intensamente e eles gostam.

Professor Nestor- jogos, leitura coletiva e individual.

Questão 8- Você conta histórias todo dia para os seus alunos? De que maneira?

Professora Carmelita- bom todos os dias eu não conto histórias, mais como eu já falei anteriormente eu tiro 2 dias na semana pra que eles façam a leitura deles no dia da leitura eu sempre tenho uma semana que é leitura normal dos textos e na outra eu tiro historinhas como Pequeno Polegar, Branca de Neve e as demais histórias até mesmo história sobre o Brasil.

Professor Nestor- Todos os dias do primeiro momento da aula é de história. História dos livros de literatura e logo em seguida peço para algum aluno contar uma história.

Questão 9- Na sua prática pedagógica, que tipos de gêneros literários você costuma utilizar para trabalhar a leitura com as crianças?

Professora Carmelita- Com relação aos gêneros literários eu utilizo bastante histórias infantis, a gente usa muito o trava-língua, como eles estão no começo da leitura e da escrita deles eu trabalho bastante o trava-língua que são as historinhas infantis em forma de versinhos, a gente trabalha mesmo é as histórias infantis.

Professor Nestor- são livros literários, trava-língua e contos infantis.

Questão10- De acordo com a leitura dos gêneros textuais e do entendimento da turma, como é desenvolvida a atividade do dia com as crianças?

Professora Carmelita- As atividades que a gente desenvolve são principalmente a roda de conversas onde nós sentamos todos em forma de círculo daí vai a pergunta o que eles entenderam da história, o que ela tá transmitindo, e o como eles gostariam que ela fosse, o que eles acharam da história aí a gente coloca as atividades de resposta , mais esse resposta é onde vai o marcar com opções pra eles não terem dificuldades até onde a gente chega a brincar mesmo com os alunos onde a partir que eles mais gostaram eles atuam em sala.

Professor Nestor- Procuro primeiro trabalhar com as palavras chaves e a partir daí a gente vai adentrando de acordo com a leitura e a interpretação de cada um.

Questão 11- Como você desenvolve as atividades de leitura com as crianças que não sabem ler e escrever? E com as demais? As atividades são diferenciadas? Por que?

Professora Carmelita- São diferenciadas sim, com as crianças que sabem ler a gente vai para atividades a escrita e a leitura onde eu formulo perguntas de acordo com o que foi lido a história que foi passada pra eles eu formulo perguntas para as crianças que não sabem ler e escrever eu formulo atividades de acordo com o aprendizado deles, como eles já são bem desenvolvidos na questão de interpretação eu vou mais na forma onde eles tem que interpretar as perguntas vão de acordo com o que eles entenderam é mais de marcar e desenhar, com relação aos demais já mais extenso eles vão ter que marcar e completar eu desenvolvo

questões onde ele complete e marque, também desenvolva uma mini história de acordo com que ele leu como ele entendeu. As atividades são diferenciadas por que é muito complicado trabalhar com quem sabe escrever e ler e com quem não sabe ler e escrever, porque alguns escrevem todas as suas atividades e desenvolvem no tempo colocado, e os que não sabem ler e escrever ficam ali, as vezes ultrapassa até o horário, então tenho que formular uma questão onde facilita por exemplo, quem é a moça da história aí lá pra marcar, a Branca de Neve ou a Chapeuzinho Vermelho, então ele vai marcar a personagem principal da história.

Professor Nestor- eu procuro trabalhar de forma individual com cada um, procurando trabalhar a parte do básico, para ele poder conhecendo, primeiro interpreta da forma dele entender na fala ele vai relatando, como é fácil para ele relatar interpretar. Mais em relação da leitura dele já vai ser na parte individual, no básico para ele ir se adaptando como ele não sabe ler. As demais trabalhamos também de forma relatando o que entendeu e os demais é mais fácil porque já sabem relatar através da escrita o que eles entenderam. Um pouco, porque assim, é pouco porque alguns já sabem ler e escrever aí a gente procura adaptar de acordo com a leitura e outros a gente tem que começar do zero.

Questão 12- Como você avalia o desenvolvimento da prática pedagógica na turma multisserie? Há vantagens ou desvantagens?

Professora Carmelita- Bom a prática pedagógica na multissérie, quando a gente tem o suporte pelos menos os materiais necessários que deveríamos ter em sala de aula, facilita bastante onde a gente consegue desenvolver um bom trabalho, onde temos o retorno dos alunos, como é que eu posso falar, o desenvolvimento daquele aluno bem mais rápido, ou então, ele consegue entender com aquela facilidade sendo que o a desvantagem é totalmente completa falando da minha escola porque a gente não tem quase que nada, as práticas pedagógicas principalmente são os materiais que a gente se encontra sem nenhum, então temos que nos virar como diz o ditado fazer das tripas coração, e fazer o possível para que a gente desenvolva uma boa atividade e com que concilia com os materiais que consigo. As vantagens das práticas pedagógicas são o que a gente consegue e coloca, ver o que desenvolveu para os alunos, para a turma a gente teve retorno que é quando o aluno consegue desenvolver onde o aprendizado dele é de acordo como estava e se teve um avanço bem significativo.

Professor Nestor- olha o meu desenvolvimento é bom, porque eu que procuro focalizar as necessidades dos alunos tanto coletivamente como individualmente. Há vantagens porque dentro da turma geralmente é uma minoria que ainda tá na fase da aprendizagem da leitura.

Questão 13- Você incentiva as crianças a contar e recontar as histórias e narrar as situações cotidianas? De que maneira?

Professora Carmelita- sim incentivo como por exemplo: a gente conversar muito sobre os nossos avós as histórias que nossos avós contavam os métodos de como eram antigamente o estudo como diz eles, aí eu conto pra eles o que nossos avós passaram, há na época que eles estudavam era assim, assim, assim, aí eles começam e comparam com as situações de hoje como por exemplo o aluno ver o professor como uma pessoa comum como um deles sendo que o respeito a gente tem mesmo que se fazer professor pra que eles nos respeitem. E as situações que eles contam é como por exemplo se eles vejam na televisão alguma situação relacionada ao professor e aluno eles vem e contam é professora realmente a gente ver que tem aluno que agride, hoje por exemplo de manhã aluno fez isso com o professor, então a gente compara conversa muito, o que a gente vive e o que já foi vivido pelos nossos avós pelos nossos pais e o que ainda pode acontecer se continuar o ensino dessa forma onde o aluno ver o professor mesmo só como uma maneira de aprendizado onde o respeito hoje digamos que não tá nem em segundo lugar. A gente conversa também as nossas histórias cotidianas é muito relacionada ao nosso folclore que ainda a gente ver, hoje diminuiu bastante que os antigos colocavam algumas danças como as histórias até mesmo brincadeiras de pássaros de animais onde tinha comédias ainda hoje eles veem mais é bem pouco o porquê eles fazem aquilo e hoje como é que eles veem essa cultura que hoje está quase que esquecida. Com relação se eu incentivo eles a contar sim porque eu conto de maneira que me foi repassada pelos meus avós todas as histórias, tanto lendas como histórias reais histórias que eles mesmo criavam até hoje ainda criam como por exemplo a Matinta-Perera, a porque a vizinha se transformava no bicho, onde ela pegava as outras, eu continuo contando estimulando eles a contarem a repassarem aos seus filhos que virão, para as crianças menores que eles, porque a nossa vida tem que ser a base da cultura, porque sem cultura eu acho que seríamos um povo bastante triste desanimado se a gente não acreditar no que pode ser no que poderia ser, onde a gente vive num mundo tão fantasioso e tão bonito que dar vontade dede nem sair desse mundo e vim pra esse mundo real que hoje tá tão complicado.

Professor Nestor- sim, a maneira de como eles vivenciam no dia a dia, como por exemplo nos finais de semana o que eles vivenciam, assim que eu procuro, que eles relatem o que vivenciam e o que eles observam no mundo lá fora.

Questão 14- Como é desenvolvido a política educacional no município em relação à multisserie, com relação a formação, apoio pedagógico, entre outros?

Professora Carmelita- Não sei nem como formular essa resposta, porquê a realidade do campo da multisserie é totalmente diferente digamos da cidade, porque a gente trabalha com alunos onde o acesso a tecnologia ainda é muito limitada, daí pra gente conciliar o que vem como material pedagógico como os livros, vem totalmente de acordo com a realidade diferente do nosso aluno do campo, como por exemplo como é que eu vou falar da cultura da maçã sendo que a realidade nossa é a manga, o açaí, o tucumã, o taperebá, então é bastante complicado onde a gente tem que reformular o que nos é repassado de forma onde ele vá ter um entendimento melhor um aprendizado desenvolvido em cima da realidade deles sem perder a cultura deles.

A política educacional desenvolvida com relação a multisserie em nosso município é muito precária quando eu comecei a trabalhar como apoio eu nunca vi uma política pedagógica educacional voltada para a multessérie de acordo com a nossa realidade onde o professor ele se ver perdido, onde tem o mínimo, onde eles dão alguns livros com o modelo de outros estados sendo que é totalmente diferente o nosso estado com relação aos demais, onde a gente não tem o incentivo da coordenação pedagógica não nos dão suporte onde eles tiram um dia dois dias para falar mais sobre alguns assuntos que não tem quase que nada a ver com a multissérie. Eu acredito que eu estou perdida ainda na multisserie tanto como os outros professores que já tem anos de multisserie, onde ele não tem nenhum suporte realmente pra desenvolver com os alunos em sala, onde temos mesmo que pesquisar e ver o que a gente pode absorver e desenvolver pra eles de forma que facilite o aprendizado deles. Até hoje eu ainda não vi nenhuma formação envolvendo a multisserie não sei se tem, mais se tem ainda não chegou até aqui no nosso município, relacionado ainda essa formação eu me sinto ainda nas nuvens com relação a multisserie nunca tive nenhuma formação não sei ainda como é que se faz essa formação eu não sei se o nosso município ainda oferta essa formação porque se oferta eu gostaria de que eles colocassem logo para os professores porque a multisserie é muito complicado mais complicado ainda quando a gente trabalha com alunos especiais sendo que a gente não tem nenhum apoio formado em educação especial especializado não temos nenhum profissional formado na área formado em educação especial onde nós mesmos

professores pedagogos temos que nos virar, passar e tentar repassar o que nos é colocado dentro de um limite, onde a gente se ver, eu me vejo perdida não sei ainda não me encontrei, mais o planejamento onde deveríamos ter um planejamento ou o planejamento nem mais temos praticamente conversas, o currículo da grade é muito complexa é muito complicada pra se trabalhar com a multisserie é onde vem os alunos especiais, a gente não sabe se desenvolve para alunos especiais ou em multisserie em si, é muito complicado acho que o nosso município deve ser digamos, vou falar de município como o nosso, é muito complicado deve ter uma política social pedagógica bem ampla bem melhor com mais facilidade pro professor, onde a realidade da nossa formação educacional do nosso município é do campo, onde o nosso aluno a maioria a parte maior é o campo mesmo ele formado, pelos polos que são dezessete escolas do campo e o mínimo na sede, então a educação a formação pedagógica deveria ser voltada mais para a nossa realidade que é o campo e não para a cidade como eu vejo que é mais voltado para cidade.

Professor Nestor- Umas das políticas educacionais voltada para o município é o PNAIC, pois ele procura trabalhar dessa forma diferenciada geralmente focada mais a leitura. Com relação a formação, ultimamente houve no município a formação só do PNAIC. Hoje a gente tem o apoio pedagógico da Secretária de Educação, eles fazem visitas eles estão fiscalizando as escolas, aqui na escola ainda falta eles fazerem visitas mais em relação ao apoio, hoje eles estão tentando dar esse suporte para as escolas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PAIS

1-Identificação

- a) Nomes: Dona Rosa, Dona Margarida, Dona Inês, Dona Maria.
- b) Idade:
- c) Sexo:
- d) Naturalidade:
- e) Escolaridade:

QUESTÃO 1- Com que frequência você faz visitas a escola para conversar com o professor (a) para saber como ele trabalha a leitura do seu filho (a)?

Dona Rosa- Acho que venho umas cinco vezes no mês para saber, como ele não estava se desenvolvendo muito bem na leitura aí tinha que vim.

Dona Margarida - há vou na escola procurar saber como que está indo ele e, saber como é que está o comportamento como que está o ensinamento da leitura se tá se desenvolvendo bem ou não.

Dona Inês- Eu vou assim né quando ele chega com o caderno dele que eu vejo que ele não está bem aí eu vou lá, aí ela fala pra mim que ele não tá se interessando bem, aí eu brigo com ele.

Dona Maria- agora tem o plantão pedagógico, aí a gente vai na escola pra saber se o aluno tá aprendendo, conforme a aprendizagem do professor a prática que tá ensinando aí o professor rever á atividade como ele tá repassando e as provas avaliando ele entrega pra gente.

QUESTÃO 2- Você tem hábito de ler para seus filhos? Por que de que maneira?

Dona Rosa- não tenho hábito de ler para os meus filhos.

Dona Margarida- eu leio pra ele ensino ele o que é pra ele fazer o que ele pede pra mim eu faço.

Dona Inês- As vezes eu leio pra ele, mas as vezes não eu mando ele ler.

Dona Maria- tenho eu pego o livrinho e começo a ler e o meu mais velho já tá aprendendo a ler conforme as palavrinhas que a gente vai lendo e ele vai soletrando.

QUESTÃO 3- Que tipo de material de leitura você tem na sua residência?

Dona Rosa- livros, revistas as vezes uns jornais por lá.

Dona Margarida- livros, dicionários, tem revista.

Dona Inês- livros, jornais e aquelas revistas de quadradinhos.

Dona Maria- tem livros, revistinha e sílabas.

QUESTÃO 4- O que você entende por classe multisseriada?

Dona Rosa- tipo assim são turmas juntas, várias turmas juntas entendo que seja isso entendo que seja muito legal que o certo tem que ser cada um na sua turma, eu acho que turma multisseriada atrapalha muito no aprendizado do aluno.

Dona Margarida- Que são três turmas juntas.

Dona Inês- não entendo sobre o assunto.

Dona Maria- Quer dizer que é a multissérie, que é várias séries né eu acho que é difícil ensinar.

QUESTÃO 5- Em sua opinião você acha que as crianças ao estudarem numa turma multisseriada, tem influência negativa na leitura e no seu ensino aprendizagem? Por quê?

Dona Rosa- Eu acho que tem porque como é multisseriada, certos professores dão mais atenção pra certos alunos que já sabem ler, e outros professores dão atenção pra aqueles que realmente precisam de ajuda então atrapalha muito a turma multisseriada.

Dona Margarida- acho que sim tem, porque na hora de fazer os trabalhos é complicado porque passar pra uma e depois pra outra, acho que seria melhor só uma serie pra cada professor.

Dona Inês- Afeta porque tem muita conversa na turma tem muita criança.

Dona Maria- tem, porque não tem muita aprendizagem, porque o professor tá ensinando várias séries, não só uma série pra poder ensinar.

QUESTÃO 6- Tens conhecimento sobre a prática desenvolvida pelo professor de seu filho em relação à leitura e a escrita? Como você avalia?

Dona Rosa- na verdade não assim na sala de aula pra ver não, só converso com o professor fora do turno pergunto como é que ele tá, pra mim vim ver na sala de aula na verdade eu nunca vim ver não a prática que ele usa na leitura. Avalio que o desenvolvimento não é muito bom não porque ele está no 5º ano e agora que ele tá aprendendo a ler.

Dona Margarida- A leitura ele ainda tá mais ou menos, ela ainda não está passando a leitura pra ele mais a escrita ele já desenvolveu bastante eu dou seis pra professora dele porque a leitura ainda tá sendo devagar a leitura dele.

Dona Inês- Não tenho conhecimento.

Dona Maria- tenho, o professor tem a base da aprendizagem devido o alfabeto e os números aí quando chega em casa agente ver se a criança aprende ou não mais a maioria não aprende só minoria aprende.

QUESTÃO 7- Você já participou de algum projeto na escola que envolva leitura e escrita? Como foi?

Dona Rosa- não, nunca teve esse projeto aqui envolvendo leitura e escrita.

Dona Margarida- não nunca participei.

Dona Inês- não nunca participei.

Dona Maria- teve agora a feira cultural indígena, teve a planta medicinal a criança apresentou e falou o nome da planta e pra que servia a criança tem aprendizagem.

QUESTÃO 8- Como você acompanha seu filho (a) sobre as atividades desenvolvidas na escola em relação a leitura e escrita?

Dona Rosa- Em casa eu acompanho quando ele chega, eu pergunto se tem alguma coisa pra ler as vezes eu pego e leio com ele eu ajudo ele assim dessa forma.

Dona Margarida- Eu acompanho ele, ele me dizendo como é pra fazer eu acompanho e vou lendo como é pra mim fazer as atividades dele aí ele pergunta se tá certo ou errado, ele faz primeiro e depois eu vou ver se tá certo.

Dona Inês- as vezes eu ajudo.

Dona Maria- quando ele chega do colégio a gente ver a atividade que ele apresentou que o professor repassou quer dizer, aí eu revejo eu mando rever de novo e mando ele escrever pra ele aprender mais e mais.

QUESTÃO 9- Seu filho tem uma rotina em casa em relação as atividades escolares? Como?

Dona Rosa- Bom é assim, lá em casa não tem a rotina não como é pra ser eu entendo que é um erro meu.

Dona Margarida- A tarde ele vai pra escola, de noite ele pega o caderno e o livro e vai estudar de vez em quando não é sempre.

Dona Inês- ele tem, ele chega aí eu mando ele descansar um pouco aí depois eu mando ele fazer o trabalho escolar.

Dona Maria- tem, ele chega e brinca um pouquinho mais tarde ele faz a atividade aí ele aprende ele sabe as palavrinhas